

Armando Correa de Siqueira Neto



# O MOSAICO DIVINO

A estreita relação evolutiva entre Deus e o homem

Armando Correa de Siqueira Neto

## **O mosaico divino**

A estreita relação evolutiva entre Deus e o homem

---

SIQUEIRA NETO, Armando Correa de  
O mosaico divino / Armando Correa de Siqueira Neto  
Mogi Mirim – São Paulo: 2016.

1. Espiritualidade 2. Autoajuda 3.Filosofia

---

*Quod est inferius est sicut quod est superius et quod est superius est sicut quod est  
inferius, ad perpetranda miracula rei unius.*

O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o  
que está embaixo, para realizar os milagres de uma única coisa.

Tábua de Esmeralda (Thoth, Hermes Trismegistos)

Introdução.....	07
<i>Capítulo 1</i>	
Uma nova perspectiva sobre Deus no lugar de antigos conceitos	11
As típicas propriedades do Criador.....	12
A origem divina da expansão evolutiva.....	14
<i>Capítulo 2</i>	
A união entre o Criador e o homem.....	17
A grandiosidade da troca evolutiva.....	18
<i>Capítulo 3</i>	
Viver é uma mentira bem contada.....	23
<i>Capítulo 4</i>	
O problema do desenvolvimento no mosaico divino.....	28
O desenvolvimento encarcerado.....	30
A dependência familiar e do gênero feminino.....	34
Destino inconsciente e consciência sobre o destino.....	36
Salto evolutivo no desenvolvimento.....	39
A prioridade da fome na pirâmide das necessidades.....	44
A autorregulação do desenvolvimento evolutivo.....	46
<i>Capítulo 5</i>	
Aprender, voltar e crescer ainda mais.....	54
<i>Capítulo 6</i>	
Ciência e religião unidas na expansão do mosaico divino.....	58
O poder da arte do simbolismo religioso.....	58
A pesquisa bíblica da gênese humana.....	60
A linguagem original e sua interpretação.....	61

Antiguidade e modernidade do evolucionismo.....	64
O porvir projetado desde o longínquo ontem.....	65
<i>Capítulo 7</i>	
Os objetivos da troca evolutiva e da expansão do mosaico divino.....	68
Referências.....	71
O autor.....	76

## **Introdução**

Este livro pretende ousar, indo além do convencional. Mas não sem a devida meditação aliada à pesquisa, à experiência pessoal e, fundamentalmente, à intuição. A obra não se preocupa, entretanto, em provar a existência de Deus, seu objeto maior em estreita relação com o ser humano. Tal despreocupação não advém do fato de ser impossível, ao menos até o momento, provar a existência Dele, vez que o dilema se inverte em igual peso quando se tenta provar a sua inexistência, mas de reunir informações variadas sobre o provável mosaico divino em permanente expansão evolutiva. Com efeito, tal proposição muda radicalmente a maneira de enxergar o Criador e a vida humana com seus mais refinados e profundos propósitos.

Recomenda-se, pois, cautela ao ler cada linha aqui registrada, haja vista o Divino, aqui particularmente compreendido, ser bem diferente da forma com que comumente muitos o percebem desde tempos bem longínquos. Porquanto se pede apenas mente aberta para que ao final da obra o leitor empreenda a séria e oportuna crítica, a favor ou contra, sem qualquer obrigatoriedade de ter de acreditar nisso ou naquilo, pois a consciência se encarrega naturalmente de imprimir no estudante tudo quanto lhe pareça possível e significativo num momento ou fazer-lhe esquecer facilmente, qual um sopro de vento, o que não possui sentido na intimidade reflexiva.

Ainda, não é objetivo desta, mesclar inadvertidamente ciência e religião, pois seus conteúdos, métodos e técnicas de análise a respeito do conhecimento se distinguem por caminharem em linhas claramente distantes. (Mas e se fosse possível aliá-las num dado

momento?) O que se propõe é um traçado de pesquisa e reflexão que se situa ao meio de ambas as propostas, tocando-lhes em concordância ocasionalmente e também se distanciando de modo oportuno em sinal de discordância. O pensamento crítico que permeia tal apreciação é de caráter filosófico. Assim sendo, o leitor não chegará ao final do livro com a certeza de ter compreendido científica e conclusivamente o tema em debate, pois, longe de relativizar os assuntos polêmicos, a exatidão material não alcança integralmente o conteúdo espiritual. E por outro lado, a bagagem espiritual ainda nos é longínqua e cara por sua dimensão profunda e ainda bastante incompreensível, adquirível arduamente através de depurado exercício intuitivo, distante ainda de ser praticado na enevoad e ilusória esfera material. Ampliar o conhecimento, refletir, deduzir e duvidar talvez possa auxiliar na empresa de dar novos passos em novas direções evolutivas.

Cumpre, ainda, alertar para os muitos obstáculos contra os quais é devido empreender a correspondente ultrapassagem em prol de se alcançar novas alturas. Há uma relação considerável deles em capítulo específico. O confronto é uma luta sem precedentes, mas a vitória promete algo nunca antes visto. Força, sabedoria, intuição e resistência são as armas necessárias.

Portanto, prossigamos, procurando refletir acerca de algumas questões.

Se todos nós somos criaturas advindas de Deus ("Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança", Gênesis 1:26), e, portanto, Dele fazemos parte por tal sagrada e poderosa origem, fruto do seu poder para criar vida -- nós igualmente também criamos, cujo poder dá origem aos nossos descendentes --, que respostas são possíveis: Por sermos incompletos, ainda que trilhemos a estrada do aperfeiçoamento constante -- as partes afetam o todo --, como será este Deus do qual somos parte criada? Se Deus carrega em si tal condição, qual é, afinal, o seu papel e o das suas criaturas?



Se as criaturas progridem evolutivamente, Deus se amplia, consequentemente, na sua magnitude? Considerando-se a possibilidade de o Criador evoluir através das suas criaturas, não serão por ventura estas mesmas criaturas as partes divinas que em razão do estágio atual em que se encontram ainda não se percebem devidamente como pequenos deuses unidos pela fonte maior? Se o Pai já é imenso em poder, é possível crer que há outras tantas criaturas que muito avançaram anteriormente para torná-lo tão grandioso, e que nós estamos atrás na escalada do desenvolvimento do qual fazemos fundamental parte? Somos seres individuais interconectados a serviço do seu crescimento, e ainda, do nosso próprio, cujos benefícios extraídos das evoluções encontram-se à disposição de qualquer um que se exercite e alcance-os? Viver é, então, ainda que não se perceba, um exercício permanente para se crescer evolutivamente, levando todos a novas condições de sabedoria e grandeza? É prudente, pois, trabalhar altruisticamente em prol do desenvolvimento de tantos quantos queiram, ou despertem para tal, haja vista nos beneficiarmos mutuamente das interconexões existentes, pois do contrário nós perderemos com o egoísmo que apenas separa e faz patinar o projeto evolutivo? O que dizer da passagem bíblica em 'Um salmo de Assafe', (Salmos 82:6-7): "Eu disse: Vós sois deuses; vós sois todos filhos do Altíssimo. Todavia, morrereis como homens; caireis como qualquer dos príncipes."? O que quis revelar Jesus, em João 10:30, ao afirmar "Eu e o Pai somos um". Será, portanto, que nós e o Pai somos um? Ainda, o que quis dizer Jesus, na passagem do Evangelho Apócrifo de Judas? "Uma vez ele estava com seus discípulos na Judéia, ele os encontrou reunidos, quando ele se aproximou dos discípulos que faziam uma oração de agradecimento pelo pão, Jesus riu. Os discípulos pensaram por que causa Jesus estava rindo, Jesus viu que os discípulos pensavam que estavam adorando o Deus verdadeiro, mas

na verdade eles estavam errados, estavam adorando apenas o Deus criador deste mundo, mas o único que entendia isto era Judas.”

O que a Bíblia Sagrada tem a dizer a esse respeito, e o evolucionismo?

## **Capítulo 1**

### **Uma nova perspectiva sobre Deus no lugar de antigos conceitos**

Desfazer-se da imagem do Deus completo, absoluto e, decorrentemente, tão distante das suas criaturas incompletas e ignorantes é um trabalho e tanto, e requer não apenas coragem para ultrapassar antigos obstáculos impostos para o controle das incivilizadas populações ancestrais -- não que as modernas sejam um primor de civilidade --, mas autoconhecimento suficiente para perceber em si mesmo um pouco da essência desse Criador, e, ao fazê-lo, compreender que tal conexão permanente une, ao invés de separar, e que, ao conectar revela certa similaridade entre as partes, cada qual com o seu grau de incompletude em busca da metamorfose evolutiva no mosaico divino.

“É o fim!” Muitos diriam escandalizados. “Heresia! Pecado!” E muitas outras expressões, na tentativa de criar oposição ao simples fato de apenas levantar hipóteses que requerem do estudioso a sua análise mais profunda, criteriosa e persistente. Entretanto, fechar-se antes mesmo que se compreenda essencialmente o questionamento em mira é impedir-se de fazer uso de um dos mais consideráveis atributos em nós existente: a capacidade de refletir.

Não é o fim! É outro começo? Ou melhor, recomeço? Acaso não nos sentiríamos mais íntimos do Pai em razão de percebê-lo incompleto e, portanto, mais perto, acessível? O Deus completo e longínquo pode dar lugar ao Pai mais próximo que depende dos seus filhos para que ele próprio exista e se amplie em gradações inimagináveis? Pondere, sem a presença das criaturas, impossível

seria de o Criador ser percebido como algo existente, não é? Tal fato permitiria que houvesse somente a autopercepção Dele. Nada além. No entanto, além de Ele ser percebido pelas suas criaturas, não pode ser também alimentado por elas a cada avanço que cada uma lhe oferece ao evoluir? Note-se que a relação é mais ampla, e com tal crescimento originado de pontos diferentes, determinando o todo, Dele mesmo o homem pode compartilhar tal sabedoria e poder, bastando, evidentemente, se desenvolver a ponto de enxergar e experimentar aquilo de que se dispõe. Há potenciais em larga escala à espera daquele que ousa conhecer-se melhor e avança na direção evolutiva. É ganho sobre ganho.

Todavia, enxergar é a questão mais delicada, pois o que ainda não se percebe mais claramente é a grande fonte disponível, e que para alcançar tal manancial sagrado requer-se empenho e desprendimento gradativo das questões materiais que, como é de se esperar, turvam a trajetória da consciência. O texto religioso hindu *Bhagavad-Gita (A Sublime Canção)* destaca com primor: "A auto-realização -- a real meta da vida -- não é possível para aqueles que estão apegados ao prazer e poder, e para quem o juízo está obscurecido pelos rituais e atividades para a satisfação dos desejos egoístas. A auto-realização é para que se conheça o relacionamento com o Senhor Supremo e Sua verdadeira natureza transcendental. (2.44)" Logo, há de se compreender que uma coisa é viver materialmente e extrair o que tanto se precisa para sobreviver e evoluir, outra, é afundar-se na matéria sem ao menos olhar de soslaio diferentes possibilidades existentes aqui e agora. Não amanhã. Já!

#### *As típicas propriedades do Criador*

E quanto às propriedades divinas do Senhor? Ele as perde com a nova perspectiva? Cumpre-se destacar que o homem não é o Deus

em si, mas parte desse mesmo Deus, e, portanto (além da Sua essência presente), a substância que o compõe difere da do Criador, mas tão somente nas formas que se graduam desde a mais sutil forma de energia até a mais densa combinação energética que faz modelar o ser físico -- algumas das proposições da física quântica referem-se à matéria como sendo energia da qual todo ser é constituído. Diferentemente daquilo que afirmou Santo Anselmo (1033-1109), ao defender a tese de que Deus não é uma semelhança das coisas que mudam, pois, desta forma, não lhe caberia a suprema imutabilidade: "Que esse mesmo verbo não é uma semelhança das coisas criadas, mas a verdade da essência; e que as coisas criadas são uma certa imitação da verdade".

Mas o que não se observa, no entanto, é o fato de que, apesar da imitação, o resultado encontrado na obra Dele, ou seja, sua criatura, provém do que é o fator determinante e aquilo que faz Um ligar-se intimamente ao outro: Sua essência. Que tipo de cópia é capaz de portar a essência do seu autor e dela se valer para o próprio desenvolvimento e ainda ser considerada uma imitação nos termos propostos pelo religioso Anselmo no período medieval? Ou se considera a essência nas suas possibilidades típicas ou se lhe reduz à meia carga convenientemente. Trocando em miúdos, ou o homem carrega em si a essência divina ou tal criatura se encontra destituída da semelhança do Criador – talvez o criador observado no Evangelho Apócrifo de Judas?; Este figuraria apenas como um artista intermediário entre os elementos que compõem a criatura e a obra resultante. Não é de admirar, por conseguinte, que as pessoas retratem simbolicamente esse Deus imutável através de estátuas de pedra ou madeira (igualmente imutáveis se bem conservadas); elas revelam concretamente, ainda, os limites que tal finitude encerra no Criador. Não se trata somente de algo concreto para ativar a abstração relativa à fé, portanto. A fé é ainda hoje estimulada pela crença do Senhor pronto e invariável. Então é relevante perguntar:

que níveis de fé podem ser provocados ante os dois modelos de Deus: o completo, mas finito e o incompleto, porém infinito?

Mais: como restaria, então, a Sua onisciência, por exemplo? Ora, Deus, tendo alcançado as alturas do desenvolvimento tão superior que conquistou, faz uso dos muitos recursos -- incluem-se uma maior conexão e gigantesca percepção em relação às partes criadas --, por nós não identificados e distantes pela grosseira ignorância que nos reveste a visão que oportunamente poderá se abrir conforme avancemos na senda da evolução. Mais: ao servir aos seus filhos os atributos disponíveis em si, ele os encoraja e os municia a fim de que cresçam e deles também possa se servir conforme os avanços através de uma espécie de oferta e ganho permanentes. Percebe o profundo senso de humildade, justiça e sabedoria em tal Ser criador?

#### *A origem divina da expansão evolutiva*

Não obstante, emerge uma questão tão ardilosa quanto inevitável: se o Pai é inacabado e cresce evolutivamente sem cessar através do desenvolvimento dos seus filhos, como situar-Lhe no início do universo material, anterior ao surgimento das criaturas? Como seria, então, tal Deus desprovido da sua preciosa fonte de alimentação? A resposta deve embasar-se na descrição científica que teoriza o começo a partir do Big Bang -- o qual, segundo o físico russo George Gamow (1904-1968), na expansão do universo, no estado inicial de alta compressão que se encontrava, com uma explosão momentânea obteve-se uma colossal redução de densidade e temperatura, e, posteriormente, a matéria passou a predominar sobre a antimatéria. A antimatéria, ou o contrário da matéria, com massa igual e carga elétrica oposta, é uma teoria desenvolvida pelos físicos Paul Dirac (1902-1984), inglês, e o estadunidense Richard Feynman (1918-1988), Nobel de Física em 1965.

Ainda, nas reflexões de Gamow, se o universo expande, supõe-se que fora bem menor no seu estado inicial: o ovo cósmico. Tal Big Bang, ao prazo de 13.7 bilhões de anos aproximadamente, culminou nas atuais condições de avanço, considerando-se, para tanto, o fato de que, inicialmente, tudo ocorreu de modo bastante primitivo, alicerçando a coerência de se estabelecer o paralelo entre tal primitivismo com as condições igualmente rudimentares presentes no Criador. A expansão parece ser uma condição natural e crucial ao desenvolvimento, tendo em vista a história universal? Mais: Se o universo surgiu nas condições aqui descritas, e ganha em dimensão - apesar de a nossa posição cósmica ser exageradamente distante em relação às tantas galáxias existentes --, é aceitável questionar o fato de que este mesmo universo seja finito, ou seja, ele possui as suas respectivas bordas em razão da limitação imposta através do seu minúsculo nascimento e do crescimento a que se submete?

Aliás, não foi justamente a vontade de expandir do Pai, que Lhe proporcionou a ultrapassagem do limite que divisa a potência do ato criando tudo quanto criou nas condições mais elementares de que dispunha na aurora da existência material -- o átomo inicial? Se Ele se desenvolve indefinidamente, não há contradição ao afirmar que o seu início foi marcado pela rudeza inerente aos primeiros passos que buscam o aperfeiçoamento. Cumpre-se, ainda, esclarecer que tais movimentos se sujeitam ao tempo existente no plano material, onde Ele se expressa por meio da matéria criada na explosão ocorrida a partir da hora primordial. Ele, pois, não era pronto no início. O "tempo" Lhe permite crescer. E antes disso?

Se já é difícilimo refletir sobre as imensas incógnitas tais como a formação do mosaico divino material e seu aperfeiçoamento, não seria ainda mais obscuro tratar acerca do suposto lado de lá espiritual com suas respectivas leis? Não se trata de uma saída elegante para o insolúvel (ao menos por enquanto), mas de reconhecer a vastidão impenetrável de tema tão obscuro. Então é prudente reconhecer que

se esbarra no limite do entendimento tentar compreender plenamente como tal Deus surgiu e era antes de se fazer verbo e materializar o universo como o conhecemos e supomos ter-se originado. Segue-se que, por hora, é possível imaginá-lo qual uma energia inteligente apenas, capaz de desejar e causar. Requer-se, ainda, pesado trabalho em prol de se avançar a muitos passos evolutivos para, quem sabe, tomar contato com novos bastidores do ainda inexplicável.



## Capítulo 2

### A união entre o Criador e o homem

“Mas, só pelo fato de que Deus me criou”, descreve o filósofo francês René Descartes (1596-1650), “é muito crível que ele me tenha de alguma forma produzido à sua imagem e semelhança (na qual a idéia de Deus se acha contida) pela mesma faculdade com a qual concebo a mim mesmo; quer dizer que, quando faço reflexão sobre mim, não somente conheço que sou uma coisa imperfeita, incompleta e dependente de outrem, que tende e aspira incessantemente a algo melhor e maior do que sou, mas que conheço também, ao mesmo tempo, que aquele de quem dependo possui em si todas essas grandes coisas a que aspiro, e cujas idéias encontro em mim, não indefinidamente e apenas em potência, mas que ele as usufrui de fato, atual e infinitamente, e, assim, que é Deus.”

Na mesma obra cartesiana, *Meditações metafísicas*, publicada em latim pela primeira vez, em 1641, Descartes apresenta as suas conclusões acerca da existência de Deus e da sua relação com os homens, a sua perspectiva sobre a presença do Criador nas criaturas, embora sua concepção tenha sido a de um Deus completo, qual o filósofo religioso Tomás de Aquino (1225-1274), que também inferiu ideias relacionadas à presença de Deus nos seus, porquanto, alegava, se Deus é justo, por exemplo, a justiça é parte da natureza humana, inseparável, eliminando-se a arbitrariedade do uso dessa justiça por parte do Todo-Poderoso.

E nas indagações de Santo Agostinho (354-430), “Deus está no homem; o homem está em Deus”: “É verdade que o céu e a terra que criastes e no meio dos quais me criastes Vos encerram? Será,

talvez, pelo fato de nada do que existe poder existir sem Vós, que todas as coisas Vos contêm? E assim, se existo, que motivo pode haver para Vos pedir que venhais a mim, já que não existiria se em mim não habitásseis? [...] Por conseguinte, não existiria, meu Deus, de modo nenhum existiria, se não estivésseis em mim. Ou antes, existiria eu se não estivesse em Vós, “de quem, por quem e em quem todas as coisas subsistem”?

Segue-se, ainda, a observação feita pela notável filósofa, teóloga, escritora e ocultista russa, Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), em seu livro *Ísis sem véu: uma chave-mestra para os mistérios da ciência e teologia antiga e moderna*: “Não sabeis que sois deuses? [...] Platão descreve admiravelmente no Fedro o estado anterior do homem, e aquele ao qual ele há de retornar: antes e depois da “perda das asas”; quando “ele vivia entre os deuses, e ele próprio era um deus no mundo aéreo”. Alguns pensadores do passado já percebiam a união entre Ele e sua prole. “Eu e o Pai somos um”, pois, não se encontrava tão distante da percepção humana. Porém, sempre foi condição *sine qua non* ter de se dirigir a tal fim para atingi-lo através de profundos mergulhos íntimos, seguidos de reflexões por vezes dilacerantes (tocar a verdade é ao mesmo tempo divino e profano), na colossal tarefa de combater os estados entorpecido e letárgico comumente presentes no ser humano, o qual, abençoadamente, dispõe de inúmeras e divinas possibilidades de crescimento disponíveis.

### *A grandiosidade da troca evolutiva*

É possível comparar alegoricamente as relações e atividades existentes na união entre Deus e suas criaturas, qual um centro de pesquisas que envia seus pesquisadores a cantos distantes das terras em que vivem a fim de que estes últimos extraiam, conforme a sua dedicação e conhecimento, o máximo de sabedoria, e, enviem tais

descobertas ao mesmo centro original. Os pesquisadores ganham com o que apreenderam, o centro também. Todavia, tal centro recebe todas as informações oriundas de cada um dos pesquisadores, centralizando-as. Nem sempre o mesmo se encontra acessível aos seus membros. Há limitações, inclusive da ordem física, no fluxo de informações.

Em Deus, a questão parece funcionar de modo mais amplo e compartilhado simultaneamente, pois os avanços encontram-se disponíveis a quem a eles se dirigir com determinação, podendo adquirir, cada vez mais, novos saberes. A limitação, neste caso, diz respeito ao estágio em que se encontra o explorador. Por tal razão, é preciso pagar o preço de se autoconhecer em doses maiores, e esta tarefa não é simples, podendo levar o estudioso a fincar os pés em determinada altura, acaso ele não esteja aberto às dolorosas percepções que inevitavelmente terá de si mesmo (somos bem mais atrasados do que tentamos nos convencer autoenganadamente), fazendo disparar imediatamente os mecanismos de defesa psíquica, além de existirem enormes chances de tropeçar na perna da vaidade, resultando-lhe a falsa sensação de que se atingiu os picos das imensas montanhas da sabedoria, fato inverídico, pois se Deus que é Deus é um ser imenso em constante expansão, que dirá seus filhos?

Diante das muitas situações dinâmicas presentes no Pai, como Ele pode ser encarado como algo absoluto, acabado? Como ser coerente ao pretender crer num Criador que se encerra em si mesmo ao findar tudo quanto teve de empreender? De que modo é possível associar um Deus pronto, estável e imutável às suas obras tão amplamente passíveis de mudança, a exemplo da própria expansão permanente do universo? E o que dizer da instabilidade existente no mundo subatômico? E as constantes combinações e recombinações químicas entre os elementos que compõe a matéria? E quanto às alterações geológicas que modificam o cenário terrestre, moldando-o em novas pinceladas geográficas de tempos em tempos? O que se

poderá dizer a respeito das alterações genéticas que sofrem a pressão do meio e geram adaptação evolutiva de modo normalmente eficaz e incansável? Afinal, que tipo de relação se pode estabelecer entre algo aparentemente terminado com tudo o mais em plena transformação e crescimento? Se Deus é de fato imutável, Ele pouco ou nada tem a ver com o fervilhante dinamismo existente nas suas supostas criaturas -- as daqui e as de fora provavelmente.

Ou ainda, e se analisássemos a troca evolutiva por meio do Potencial de aprendizagem e autossuperação – uma ideia já publicada que propus há algum tempo?

É prudente compreender a dinâmica evolutiva do potencial que regula o acesso a cada nova aprendizagem a que se destina o aprendiz. Por potencial, entende-se aquilo que é possível – por vezes, o “impossível” também. Algo anteriormente disponível, mas que necessita de certo exercício para tornar-se manifesto. Potência e ato. Qual a geração de um ser e o seu respectivo parto. É por tal exigência prática que se obtém um determinado tipo de resultado para o que se pretende enquanto manifestação da aprendizagem.

No entanto, emerge uma intrigante lista de perguntas: por que uns enxergam mais potencial de aprendizagem do que outros? Que razões levam alguns a avançar bem mais, mesmo em condições de igual estímulo recebido pelo meio de convivência? Ainda: E aqueles que, apesar da miséria a que foram submetidos desde a sua infância, extraíram de si muito mais do que se acreditou ser possível? Que limitação encarcera a pessoa à escuridão da ignorância, tendo em vista a ampla possibilidade de libertação existente na luz do saber?

Dentre as possíveis hipóteses (considere-se a combinação delas também), destaque-se o avanço e as restrições do próprio potencial de aprendizagem. Refiro-me à capacidade de expansão do potencial, cuja elasticidade, resultante da aprendizagem e seus progressos, é capaz de determinar maior ou menor perspectiva a respeito das

possibilidades de se investir na busca por mais conhecimento. Quanto menos ocorre tal desenvolvimento, tanto menor é a dilatação do potencial, e reduzida é a visão que se tem de maiores possibilidades. Por outro lado, mais crescimento é sinônimo de maior dimensão potencial e correspondente expectativa.

O potencial, portanto, não se encontra totalmente disponível àquele que investe na sua aprendizagem. Ele oferece apenas uma parte de si à transformação que culminará no ato. Assim, sugiro a existência do que denomino de "Potencial Primário de Aprendizagem" (PPA), ou potencial total, que é disforme, e assume uma posição pré-potencial, que, à medida que é bombardeado por investidas do aprendido, produz dois resultados distintos: 1) parte dele transforma-se em produto acabado para o que se potencializou inicialmente e; 2) a outra parte se modifica em produto semi-acabado, ou "Potencial Secundário de Aprendizagem" (PSA), à disposição de novos estímulos e mudanças.

Acaba por se desenvolver, permanentemente, uma estrutura de conhecimento cujos avanços podem, a seu turno, estarem até em sintonia, advindos de construções separadas, quer seja, de mentes independentes, tal como uma coincidência de teorias que nascem com essências semelhantes de dois autores; ideias que se formam em pessoas que pouco ou nada tem de convivência (ou até que tenham), assombrando ambas as partes envolvidas quando colocadas em comparação na oportunidade surgida. Não foi assim que Charles Darwin (1809-1882) se surpreendeu com o artigo "Sobre a tendência das variedades a afastarem-se indefinidamente do tipo original", cunhada por Alfred Russel Wallace (1823-1913), levando-o a dizer ao amigo e notável geólogo Charles Lyell (1797-1875): "Ele não poderia ter feito um pequeno resumo melhor! Até os seus termos constam agora nos títulos dos meus capítulos!". Naturalmente, os assuntos de certas entidades, sejam elas científicas sobretudo, acabam por se

“espalhar” e abastecer outrem em dados momentos, no entanto, trata-se de partes, e não do todo; são traços cartográficos e não o mapa completo, com a famosa marca do x sobre o cobiçado tesouro.

E o Cálculo Diferencial e Integral, ramo desenvolvido simultaneamente pelos matemáticos Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) e Isaac Newton (1643-1727), rendendo uma ferrenha disputa acerca da prioridade da invenção? E tantas outras teorias, das simples às sofisticadas, que sequer se soube terem se originado aqui e acolá, ou em mais de dois lugares?

A disponibilidade da aprendizagem, pois, encontra-se na condição imediata, através do PSA, o qual pode, conforme o grau de desenvolvimento atingido, estimular a transformação do PPA, levando o aprendiz a perceber maior terreno a ser percorrido, com crescente motivação, na aquisição do saber.

Porquanto, muito pouco percebe acerca do quanto se pode avançar, aquele que se estimula empobrecidamente, limitando-se a uma pequena predisposição relacionada à expansão do potencial de aprendizagem. Todavia, felizmente, enxerga bem mais quem investe em maior grau na própria aprendizagem, fazendo crescer os limites do PSA e, sobretudo, do PPA e da expectativa de ainda maior investimento. Quem vê menos, pouco acredita que pode ir longe, limitando-se. Quem vê mais, não só acredita como avança pela trilha dos próprios esforços evolutivos, superando-se. Não acaba por cooperar, de modo altamente favorável no projeto do mosaico divino?

## **Capítulo 3**

### **Viver é uma mentira bem contada**

Todavia, não é de surpreender que, tendo em vista o possível funcionamento das trocas evolutivas existentes na expansão do mosaico divino, viver é uma ilusão. Ou seja, a inexistência de estímulos de crescimento impediria o surgimento primeiro do próprio cérebro e, conseqüentemente, do seu desenvolvimento, barrando, portanto, a evolução que permite a expansão aqui descrita. Desta forma, houve a necessidade, desde os primórdios, de existirem diferentes maneiras de se provocar as pessoas a se incomodarem (umas mais, outras menos, nos variados momentos de vida) e extraírem mais conhecimento e avanço de si mesmas.

Se dependesse do ser humano, mais especificamente da sua consciência, tomar a iniciativa para se manter na jornada evolutiva, todo o processo do mosaico divino encontrar-se-ia comprometido, pois lhe falta a perspectiva a este respeito. Ignorar tal projeto é por si só um entrave considerável. A beleza, contudo, reside na série de estímulos que cada um recebe sem que se dê conta. Em outras palavras, somos provocados sistematicamente, ainda que de modo inconsciente, ao longo da vida, a fim de suprir a nossa falta de visão e, notadamente, incomodar a acomodação típica dos animais bastante passivos que por hora somos na escala da evolução.

É fundamental, porquanto, compreender as razões que levam as pessoas a terem de se submeter às provocações inconscientes (qual o período de dependência na infância), e o que elas podem proporcionar em determinado ponto futuro (qual o esperado amadurecimento e decorrente florescer da autonomia), haja vista o

inconsciente perder terreno, gradativamente, para a consciência que pode avançar na direção do controle e não mais da despercebida sujeição pura.

Se o Criador depende das suas criaturas em relação ao desempenho que delas faz emergir os ganhos evolutivos, e vice-versa, e que disso resulta uma fonte de crescimento para ambas as partes, não haveria como Deus manter-se acomodado à espera de um eventual despertar dos seus. Naturalmente, a partir do próprio ato de criação (provido de vontade e poder), a essência residente nos filhos criados iniciou constantes provocações desde as necessidades materiais mais básicas (fisiológicas, tais como a fome, sede e sono), capazes de mobilizar o mais acomodado ser que um dia já existiu, até a busca curiosa pelo conhecimento, fazendo ultrapassar a letargia que poderia muito bem causar danos relacionados à extinção biológica e ao referido e grandioso projeto de crescimento comum.

Então, enquanto o nível de inconsciência predominar, tanto perdurará a ação dos estímulos inconscientes na essencial missão de promover as alfinetadas necessárias às respostas que fazem a vida continuar avançando, ainda que de forma lenta, considerando-se o tempo por nós percebido. Porém, a partir da oportuna tomada de consciência a respeito dos objetivos existentes no projeto de expansão do mosaico divino, novas óticas podem advir, tornando os efeitos da estimulação inconsciente menores por força da propriedade que ganha alcance na cabeça daquele que passa a entender as razões da ação em prol do desenvolvimento pessoal e conjunto. O altruísmo ganha terreno, pois, com a consciência ampliada, entende-se que estimular o outro ao crescimento faz gerar expansão no todo. Assim, quanto menos houver preocupação com as demais pessoas, maior é o atraso evolutivo do conjunto em razão do egoísmo que pode predominar. E, por outro lado, quanto maior o altruísmo, mais chances se têm de estimular preocupadamente outras pessoas e aumentar o acesso ao crescimento geral.



Entretanto, percebe-se, paralelamente, que tudo quanto se criou (e o que ainda se criará) na caminhada evolutiva (tecnologias e maneiras diferentes de se estabelecer adaptativamente), não passa de um jogo de ilusão. É o que aqui se chama de “viver uma mentira bem contada”. Viver é uma mentira refere-se ao fato de as pessoas terem inventado as formas de conviver (a sociedade e as suas normas de controle, por exemplo) e os recursos característicos (equipamentos e confortos derivados da busca permanente pelo acesso a tecnologias que se originam da pesquisa). Disso resulta que muitos tomam o meio pelo fim. Em outras palavras, criar novas situações, ultrapassar barreiras que se impõem durante a vida, conquistar vitórias importantes são o meio fazem o ser humano se tornar mais inteligente, e, dispondo de tal meio de atuar, alcança-se o fim que é a expansão do mosaico divino. Muita gente crê que as conquistas (meio) são os objetivos (fim), invertendo a ordem.

Nada disso existia antes desde os primórdios (inclua-se o dinheiro, as diferenças sociais, o consumismo etc), e tampouco era vital para a sobrevivência (à exceção do que é estritamente básico), tanto que o Século 20, e nenhum outro anteriormente, tornou-se o marco de um salto desta natureza sem precedentes. Tudo é, portanto, invenção atrás de invenção. Em suma, a ilusão foi forte o suficiente para levar uma maioria a crer que precisa desesperadamente de cada item inventado até os dias atuais, como se eles fossem naturais e não artificiais. É claro que, à luz da razão derivada da reflexão crítica, se trata de uma evidente mentira, sem falar na inocência que acompanha tal engodo. Viver é, pois, uma mentira.

Podem-se incluir, ainda, o apego, o bem querer e o apelo sexual desde o seu surgimento mais primitivo, como elementos fortes e necessários à ilusão que faz a roda da vida girar. As pessoas gostam de se perceber importantes umas às outras em relação ao amor, este último, do ponto de vista prático e da simples observação

tanto histórica quanto atual, demonstra-se muito mais um desejo de posse e controle sobre outrem do que o “amor incondicional” que vê mais altruísmo do que egoísmo. Ainda nos falta muito! O jogo ilusório nos encaixa numa poesia que mais diz respeito ao sonho do que a realidade. As pessoas mantêm-se próximas mais pelo necessário autoengano das admiradas e cobiçadas relações poéticas amorosas do que pela objetiva e fria realidade imposta pelos fundamentais avanços demandados na expansão do mosaico divino. Ter consciência, então, também implica em desenvolver boa dose de aceitação acerca de se prezar mais o fundo do que a forma. Menos aparência, mais conteúdo.

Não obstante, viver é uma mentira bem contada, pois enquanto formos inocentes e a nossa visão permanecer obscurecida neste nível de ignorância, acreditaremos, de boa fé, que isso tudo é verdadeiro. A mentira bem contada diz respeito ao autoengano relacionado à falta de se enxergar que fazemos tudo o que fazemos em razão da provocação a qual somos submetidos por forças inconscientes pertinentes à informação genética de sobrevivência e superação adaptativa que demanda a transmissão de tais melhorias de aperfeiçoamento às gerações seguintes, corroborando a ideia de que não se pode parar o andamento do projeto de expansão. Há uma força muito maior que nos impulsiona ao progresso, sem perder de vista, contudo, que tal força esvai-se, pouco a pouco, à medida que tomamos o controle consciente sobre a nossa participação no crescimento que abrange todos, inclusive o Pai.

Segue-se que, um importante passo é adquirir níveis cada vez maiores de consciência sobre o próprio papel na evolução que a todos alimenta, não apenas pela importância de se enxergar aquilo que se mantém oculto, mas pela qualidade e velocidade que se poderá imprimir ao ritmo dos giros evolutivos. Calcule o nível de adequada aceleração que pode decorrer se uma considerável parte das pessoas

perceber mais claramente do que é capaz em relação aos avanços que pode empreender em menor tempo.

## **Capítulo 4**

### **O problema do desenvolvimento no mosaico divino**

A evolução do ser humano se dá, grosso modo, de forma lenta e gradual. Quando se diz a respeito de lentidão, não se tem em mente, todavia, que é extremamente vagaroso o processo aqui avaliado, tornando o desenvolvimento, palco de pessimismo e, por vezes, de desistência relacionada a se empreender novas e ousadas tentativas de maior impulso, pois as respostas se dão após considerável tempo de dedicação e persistência. Não enxergamos a médio e longo prazos. Somos imediatistas durante a curta vida da qual dispomos numa encarnação. Assim, muitas chances de colher frutos no futuro perdem-se nas frustrantes e limitadas tentativas de plantio que ocasionalmente a pessoa empreende. Além disso, em razão de o tempo passar e pouco se ver o florescimento do autodesenvolvimento, leva a ainda mais desesperança, aliada à falsa e espinhosa crença de que se é impossível crescer a níveis superiores. A vida é percebida como um jardim de decepções.

“É coisa para alguns poucos escolhidos”, diz-se, no intuito de aplacar o sentimento de impotência e tristeza. É o autoengano, na tentativa bem sucedida de aplacar o mal-estar interior; este último, contudo, trabalha em prol de nos impelir ao crescimento. Um ímpeto nascido do amor-próprio, qual definiu o psicanalista austríaco contemporâneo de Freud, Alfred Adler (1870-1937), cuja definição associa-se ao processo evolutivo de adaptação contínua ao meio ambiente: “a agressão e a vontade de poder como manifestações de um motivo mais geral, o objetivo de superioridade ou perfeição -- isto é, a motivação para aperfeiçoar-nos, para desenvolvermos nossas

próprias capacidades e potencial. A luta pela perfeição é inata no sentido de que faz parte da vida; uma luta, um impulso, um algo sem o qual a vida seria inimaginável.”

Segue-se que a evolução se encontra ao alcance de todos, ao menos para aquele que não sofre de uma doença congênita (ou adquirida através de trauma específico) que o debilite cerebral e psiquicamente tão profundamente a ponto de, a princípio, comprometer a aprendizagem, a reflexão e a tomada de consciência de tudo quanto esteja disponível nas buscas pelo crescimento. Logo, o que se percebe mormente é a ignorância (não saber) aliada à preguiça típica da nossa espécie animal. Não ter consciência e se acomodar são os aspectos que fazem travar a roda evolutiva. Pensar é visto normalmente como algo chato e difícil, até que se experimente a necessidade inevitável de ter de refletir diante de uma circunstância incômoda por força da necessidade. O tão temido incômodo, do qual a maioria foge com vigoroso esforço é, na verdade, um aliado na provocação que tende a levar o ser humano ao desenvolvimento pessoal. Fugimos da estrada evolutiva ao tomar o atalho da acomodação.

Não obstante, o que se pode analisar mais objetivamente é a “sina” na qual muita gente se fixa, perdendo enorme oportunidade de avançar e conquistar maior consciência acerca de si mesmo e do mosaico divino. Um exemplo corrente que se percebe ao longo do tempo são as crianças que, por falta de estímulo (seus pais ou cuidadores desconhecem para si próprios o potencial de crescimento e, em decorrência, para os seus), permanecem “acorrentadas” à prisão da crença que se limita àquilo que tão somente podem ver momentaneamente ao longo da vida.

Não se dirige a um universo de novas possibilidades quem sequer percebe que tem pernas para andar. Ficamos presos à ideia de que nada se pode fazer além do que conseguimos ver. Porém, a chave da mudança, basicamente, está na flexibilidade existente na

criança, na sua maleabilidade e abertura para receber coisas inovadoras -- em graus diferentes, ao adulto também se dá tal oportunidade.

Observe ao seu redor, seja na vizinhança próxima, seja em outro país, e logo se notará, invariavelmente, o enorme número de crianças sujeitas não apenas à falta de estímulo que as direcione a um maior crescimento, mas ao "destino" de implacável limitação e atraso. Pudera ser exatamente o contrário, e, sob outra condição, o deslanchar evolutivo poderia ser a regra, e não a exceção! É claro que algumas poucas escapam ao vicioso marasmo. Mas quando se vê uma criança refém do seu empobrecido meio intelectual e espiritual (sem falar na fome e outros pesados entraves), é de se esperar que a tendência à pobreza evolutiva cumpra ferrenhamente a sua missão probabilística. Então, uma vida (por vezes inteira) é, por assim dizer, desperdiçada, restando que em outro momento reencarnatório dê-se a estimulante faísca que tudo pode mudar em maior grau de desenvolvimento. A expansão do mosaico divino é afetada, pois, conforme o passo ativo que se dê na direção do avanço ou a passividade entremeada pela acomodação cega.

### *O desenvolvimento encarcerado*

Diz-se que quanto mais alguém se acha livre, tanto menos enxerga o aprisionamento a que se submete. Tal afirmação demonstra ter seu lado de verdade. E também diz respeito ao desenvolvimento pessoal. Usualmente, a crença de que se é livre tem a suas origens nos eventos de libertação humana relacionados à escravidão de pessoas ao longo da história, desde a descrição bíblica do êxodo hebreu ocorrido no Egito, conduzido por Moisés, até recentemente, com a abolição das escravaturas impostas pelos ingleses, por exemplo, ou diversos países latino-americanos nos últimos séculos.

O trabalho escravo, outra modalidade de servidão forçada, apesar de ainda existir em certos lugares na atualidade, já declinou significativamente em relação a tempos anteriores, em razão das leis e manifestações de entidades ocupadas em erradicar tal problema do mapa deste terreno de insensatez. É claro que ainda há certa caminhada a se fazer também diante de situações políticas autoritárias existentes, as quais impedem a presença fundamental da cidadania de certas populações ao redor do mundo. Mas o saldo que resta no livro contábil da liberdade é positivo.

A impressão que fica, pois, é a de que sequentes vitórias sobre o jugo escravizador colocaram o homem na rota da liberdade crescente. Deste ponto de vista, sem dúvida, houve um salto que deixou para trás o triste episódio da escravidão humana, cuja marca divisória diz respeito ao crescimento gradativo da inteligência em muitas pessoas que já não aceitam com tanta facilidade a imposição alheia. Não sem ao menos espernear, causando barulho suficiente e o decorrente revide social num uníssono grito de liberdade; uma conquista coletiva que evolui constantemente.

Contudo, a escravidão possui outras facetas, e algumas delas não são fáceis de ser percebidas. Resultando, porquanto, na difícil condição de se forjar as chaves correspondentes à abertura das prisões que ainda dominam o ser humano, impedindo-o de avançar além do medíocre limite de desenvolvimento autoimposto até então. Refiro-me à prisão biológica, psíquica, social e espiritual. Não enxergar as grades de tal aprisionamento é o que, grosso modo, faz travar a roda evolutiva em suas potenciais velocidades superiores. Enquanto não houver a necessária consciência a esse respeito, o autoengano reinará dentro das escuras cavernas da ignorância pessoal.

Assim, iniciaremos a apreciação pelo aprisionamento biológico, que é explicado através das descobertas (algumas são bem recentes) acerca das informações genéticas. Não significa, todavia, que toda a

lista de combinação dos genes determinará exatamente o resultado da esperada receita, fruto das sucessivas modificações geradas pela seleção natural, em prol das importantes adaptações que visam a nossa sobrevivência. Há estudos que já apontam o harmonioso trabalho conjunto entre natureza e meio, dando ênfase a um mais do que o outro, em situações específicas, tais como as emoções do medo e da raiva -- presentes anatomicamente de modo profundo e enraizado na camada subcortical do cérebro --, de difícil modificação pela experiência ou por qualquer técnica de aprendizagem. Ou a pré-condição biológica para a aquisição da linguagem na criança, cuja interação com o ambiente é gritantemente fundamental. Predisposição sozinha não é capaz de proporcionar excelência. Somada, porém, ao qualitativo estímulo exterior, faz abrir as portas que dão acesso aos melhores resultados.

O acorrentamento psíquico, por outro lado, pode ser percebido por meio dos conflitos que se estabelecem no ser humano ao longo da vida, desde a infância, os quais provocam culpa (por vezes, autodestrutivas), além de despertarem outros sentimentos e emoções descontrolados, capazes de direcionar, de forma inconsciente, vários comportamentos. Sem se dar conta de que forças psicológicas apimentam exageradamente o caldeirão da vida, e causam todo tipo de desordem capaz de impedir o desenrolar mais amplo da vida -- desenvolvimento pessoal, bloqueio ao ingresso (e avanço) a uma carreira profissional, incompreensões e toda sorte de consequências no relacionamento conjugal, dificuldade na educação dos filhos etc --, o homem segue acreditando que possui controle sobre tudo, sem enxergar que é presa fácil de si mesmo. Ou seja, ele é refém das suas questões psíquicas mais íntimas, as quais não podem lhe aparecer por se encontrarem na condição inconsciente, e que somente através de fazê-las emergir com ajuda específica e autorrevisões constantes é que pode se libertar, em graus, conforme as suas próprias conquistas nesta empreitada singular.



Passemos à prisão social, cuja bandeira hasteada clama às pessoas a lealdade ao ponto alto percebido atualmente: o apreço alheio. Ser simpático a qualquer preço com vizinhos, colegas de trabalho e parentes (ainda que exista considerável desconforto em cada uma destas relações) tornou-se regra geral, sem ao menos ter-se evidenciado qualquer explicação que justifique comportamento tão disparatado -- ainda que se considere a força genética presente atualmente advinda do fator gregário iniciado há muito tempo pela vida comunitária ancestral em nome da sobrevivência. Não se advoga aqui, contudo, a ausência de civilidade. Não. Propõe-se tão somente a necessidade de reflexão a respeito da modalidade de prisão que se estabeleceu socialmente ante alguns tipos de convivência que, à luz da razão, inexistem, já não fazem sentido, ou que são, em última análise, prejudiciais pelo seu teor de incompatibilidade tanto de ideias quanto de evidentes desavenças marcadas pelo histórico de convivência que não permite tapar o sol do mal-estar com a peneira da hipocrisia. Ser o que não se é a fim de agradar outrem.

Vale lembrar, ainda, dos comportamentos de massa que faz cativar grupos inteiros em razão das manipuladoras propagandas tanto comerciais quanto políticas. As propagandas, há muito tempo (desde a recente década de 1920, com a sua implantação efetiva através de Edward Bernays (1891-1995), nos Estados Unidos, sem falar nas antigas moedas cunhadas com a figura de Alexandre, o grande, em sua época, cujo objetivo era propagar a extensão do seu domínio, e, também, os relevos esculpidos no reino persa, difundindo o poder e a benevolência dos seus reis sobre os outros povos), associam felicidade, status etc ao consumo de produtos e serviços, ou criam, miticamente, heróis políticos para solucionar os problemas das massas.

E, finalmente, o cárcere espiritual, cujas grades são a encarnação material a que o homem se submete em repetidas voltas

reencarnatórias na tentativa constante de progredir. (Ver capítulo posterior.)

São distintas as formas de aprisionamento, mas as suas consequências atingem o mesmo alvo: a expansão do mosaico divino. Quanto mais se mantém cego, tanto menos o ser humano cresce e pouco contribui ao importante projeto. Todos perdem com a morosidade dos avanços possíveis em menor tempo, apesar de a reencarnação estar disponível constantemente ao despertar da consciência.

Não obstante, cumpre lembrar que a medida que se enxerga cada uma das prisões, e se trabalha com o objetivo de se libertar delas em graus sucessivos, adquire-se não apenas liberdade, mas propriedade sobre si mesmo, capaz de levar o homem a escolhas cada vez mais conscientes e proveitosas para si e os demais -- destaquem-se os ganhos pertinentes à autorregulação psíquica.

Mais: deve-se considerar, ainda, que se Deus cresce com cada avanço conquistado através das suas criaturas, e Ele, portanto, sempre se encontrará em níveis superiores em relação aos seus, então nunca será possível ao ser humano chegar à plenitude da liberdade? Será impossível se libertar totalmente, haja vista a parte, em estreita relação sempre depender do todo e de suas maneiras, cada vez mais estratégicas, de estimular a continuidade da expansão do mosaico divino? O sonho, pois, torna-se uma eterna busca, que leva a patamares de liberdade significativamente maiores e melhores por sua natureza consciente, recheada de responsabilidade e impulso ao desenvolvimento.

### *A dependência familiar e do gênero feminino*

Destaque-se, ainda, o papel familiar que, embora seja fundamental para a geração e continuidade da espécie, observando-se a manutenção através da educação oferecida aos filhos, tem

demonstrado considerável grau de incompetência no estímulo à autonomia do pensamento crítico, na autorrevisão constante (inclua-se o desejo por conquistar qualidade de vida psíquica por meio de psicoterapia) e na busca pelo caminho particular do desenvolvimento.

A dependência, infelizmente, tem sido a marca registrada na criação das crianças e adolescentes, haja vista ter-se em mira a baixa qualidade no contato intrafamiliar, sobretudo nos primeiros anos de vida. Mais: em vários casos, a expectativa de alcançar um futuro mais tranquilo em decorrência de bens que serão herdados oportunamente. Ou seja, ao invés de os pais (ou cuidadores) promoverem a independência com todo o empenho, desejando ver a juventude tomar o mundo para si, eles andam na contramão do desenvolvimento ao criar as condições de dependência sob o manto “justificado” da proteção dos males existentes neste mesmo mundo. Que tipo de evolução alcança aquele que se submete à limitação circundada pelo medo do risco presente na vida? Acaso o jovem não possui o seu próprio caminho a ser construído -- e deve descobrir em si próprio as ferramentas e métodos correspondentes --, cuja direção pode divergir ao extremo do contrário dos seus pais se assim lhe parecer importante?

Até bem pouco tempo, o destino do gênero feminino era secundário ante os pontos-chaves da sociedade tais como a religião, política e economia. Nomes como Hipácia (matemática e filósofa assassinada em 415, em Alexandria) e Marie Curie (Nobel de Física, em 1903, e Química, em 1911) denotam um destaque isolado no meio da massa masculina que predominou e ainda faz coro no desigual mercado de oportunidades contemporâneo -- salários e cargos desiguais, sem falar no desajuste étnico-racial.

Emerge, então, uma pergunta essencial: quanto desenvolvimento se perdeu com a submissão feminina, cuja contribuição poderia ser imensa, haja vista os casos isolados terem dado amostras de tal quilate qualitativo? Mais: que tipo de oposição

as mulheres poderiam ter feito às decisões puramente masculinas que culminaram em certos desastres tão relacionados à vaidade e à insanidade por parte de líderes masculinos até hoje contestados veementemente? E daqui por diante, quando o enorme contingente de mulheres pretende dar saltos qualitativos de evolução e contribuir bem mais do que o tímido movimento presente na atualidade?

### *Destino inconsciente e consciência sobre o destino*

Visto que a maior dificuldade para se desenvolver reside na ignorância, ou seja, na falta de o homem saber que dispõe de um potencial evolutivo sem precedentes, e que pode atingir alturas inimagináveis, aliada à acomodação originada na indolência tipicamente animal, é necessário avaliar, ainda, a compreensão acerca da expressão “destino”, compartilhada comumente entre as pessoas há muito tempo, a qual quer dizer “sucessão de fatos que podem ou não ocorrer, e que constituem a vida do homem, considerados como resultantes de causas independentes de sua vontade; sorte, fado”. Disso decorre uma gama de interpretações a respeito, mas, normalmente, o que se entende de forma conveniente são os fatos cotidianos (dos simples aos complexos) contra os quais nada se pode fazer. É a sina do ser humano! Deus quis assim!

Ora, se de fato o destino é uma sequência de eventos, frente aos quais nada ou pouco se pode fazer, então, pela lógica deste tipo de argumentação, resta às pessoas transitar ao longo da sua jornada sem qualquer aspiração ao crescimento pessoal (excetuando-se, é claro, uns poucos conhecimentos e limitada experiência de vida), sem falar no crescimento financeiro (bens e dinheiro). É tudo uma questão de sorte; explica-se, portanto, o dito popular “há pessoas que nasceram viradas para a lua”, e outras, todavia, não.

Acaso não há injustiça se o destino privilegia uns em detrimento de outros? Mais: Se Deus quis assim, considerando-se

que o homem é presa do destino, quer seja, ele nada ou pouco pode contra ele, então tal injustiça advém do Todo-Poderoso? Se a resposta for positiva, esbarra-se num dilema religioso profundo, pela crença comum de que o Pai ama todos os seus filhos; bastante contraditória e improvável se Ele oferece coisas boas para alguns e não para os demais. E, se a resposta for negativa, deparamo-nos com um Criador inconsequente, haja vista os seus atos alcançarem apenas uma porcentagem da sua própria criação. Será? O que se crê, na medida do que se pode alcançar a respeito, é que Deus é bastante justo, e confere aos seus, inclusive, em essência, a necessária justiça que colabore na expansão do mosaico divino. Como explicar?

Por ventura não está no homem a conveniência de tentar se esconder atrás do destino a fim de se justificar autoenganadamente ante o mal-estar que se lhe instala por seu atraso no desenvolvimento? Não é mais fácil atribuir a própria condição atrasada à circunstâncias alheias ao invés de ter de assumir que pouco se tenta avançar? Deslocar a responsabilidade pessoal de dentro para fora, utilizando-se da vantajosa interpretação particular sobre o destino, faz com que a autocobrança reduza significativamente? Quem ainda não se sentiu mal ao ter se encarado verdadeiramente (por poucas vezes que seja) e percebeu claramente quão acomodado é?

O destino inconsciente diz respeito a não se enxergar que cada um possui responsabilidade sobre si mesmo, e que somente a tomada de consciência permite modificar tal situação. A cegueira típica do destino inconsciente pode ceder lugar à consciência sobre o destino. Lourenço Prado propõe, em seu livro *Equilíbrio e recompensa*, "Serdes senhor de vós mesmo é terdes completo domínio consciente de todos os atos de vossa personalidade." E ainda, "...quando viverdes conscientemente na vida maior íntima, naturalmente expressareis uma medida maior de vida e vosso ser exterior será melhor suprido e cuidado do que se viverdes

superficialmente.” Ou seja, compreender que está em si mesmo as rédeas da própria vida leva o ser humano a intervir bem mais do que comumente ele está acostumado, desde que o ser humano se aprofunde ao observar-se mais intimamente e menos exteriormente.

Não obstante, é fácil perceber que há a ocorrência de eventos considerados estranhos ao longo da vida, e que, por sua natureza misteriosa, levam muitos a crer que se trata de algo impróprio. Mas será que se trata de algo injusto, como é costume alegar a cada episódio que contraria a expectativa pessoal?

Não se consideram os efeitos anteriormente causados pela própria pessoa, ainda que a mesma se “esqueça” deles? Quem presta atenção em relacionar um evento causador a uma resposta correspondente (por tempo que leve), e, ao fazê-lo, ter de assumir que a justiça ocorreu adequadamente? Não é mais fácil jogar os próprios atos na bolsa do esquecimento do que manter-se atento a tudo o que faz a fim de observar a dura mas igualmente bela virtude de receber aquilo que é de direito, sentindo-se bem ou mal com o que se recebeu? Por que só queremos a doce taça do mel se também produzimos o cálice amargo do fel? Mais: não nos serve tal amargor como oportunidade de se reavaliar e modificar aquilo que pode ser evoluído favoravelmente?

Uma coisa, pois, é enxergar as razões de se experimentar diferentes tipos de situações, além de entender que elas são causadas por nós mesmos. Outra, contudo, é manter-se na escuridão da ignorância, lastimando-se e maldizendo autoenganadamente a respeito da sina que se impõe.

Então, é possível aprofundar ainda mais o assunto e estendê-lo aos confins onde a vista raramente alcança. Trata-se dos eventos para os quais não se pode traçar correspondência anterior. Não nesta vida ao menos. Como explicar a presença da justiça, ou de um Deus justo, analisando acidentes e mortes prematuras ou grupos inteiros de pessoas que sofrem por uma dada circunstância? O que eles

fizeram com tão pouca idade ou conjuntamente, por exemplo? E o que dizer de gente que mata outrem e morre antes mesmo de ser identificada ou capturada? Talvez haja uma brecha pela qual tanto se possam incorrer erros relacionados aos inocentes quanto se é possível escapar convenientemente aos efeitos causados?

Alguém escapa da justiça? Mais: alguém escapa de si mesmo? É o que se pode compreender pouco adiante, em *A autorregulação do desenvolvimento evolutivo*, através do psiquismo. Porém, em razão dos processos reencarnatórios, analisados no próximo capítulo, nada escapa, tudo se considera. Quem pouco evolui numa vida, poderá avançar mais noutra. Aquele que ainda não encarou os efeitos por si causados num momento, encontrar-se-á consigo mesmo, oportunamente, em ocasião propícia. Eis a justiça. Eis a chance de ultrapassar a si mesmo, aprimorando-se e acessando gradativamente os saberes existentes no mosaico divino.

O preço, porém, para se atingir os escores de tal desenvolvimento tão acima da média, é conquistar a consciência de que se tem muito trabalho à frente, se autorrevisando e desfazendo-se, em boa dose, do autoengano que impede que se enxergue em que ponto de fato se encontra e o potencial presente no projeto de expansão do mosaico divino. Logo, o destino inconsciente precisa ser substituído pela consciência sobre o destino que se pode construir com maior propriedade ao se assumir a responsabilidade pessoal.

Destino, então, não é o inesperado, o imprevisível e, portanto, algo injusto; destino, pois, é o efeito do que se causou anteriormente, ou seja, a justiça na sua franca fluência.

### *Salto evolutivo no desenvolvimento*

Após anos de intensa pesquisa, a ciência conseguiu se aproximar, em considerável grau, da realidade acerca da origem do ser humano. Empregando métodos e análises, alguns pesquisadores ao redor do

mundo, a sua maioria amparada por universidades e institutos de reconhecida seriedade e tradicionalismo investigativo, conseguiram aproximar o homem pré-histórico do atual.

Basicamente, com o uso do teste “Carbono-14” (C-14) e a estratigrafia dos sítios arqueológicos, foi possível datar uma série de ossos antigos, em destaque, as evidências do Homem de Neandertal e do Cro-magnon -- notadamente entre 40.000 e 30.000 anos atrás. Por outro lado, com a utilização dos exames de DNA, foram comparadas amostras dos homens pré-históricos e contemporâneos. Resultado: descobriu-se que o Neandertal extinguiu-se provavelmente há 30.000 anos, e o Cro-magnon resistiu, aperfeiçoando-se com o passar do tempo, até chegar à contemporaneidade. Ou seja, de acordo com as análises das informações genéticas, somos os herdeiros do antigo *Homo sapiens* ou Cro-magnon -- com recentes descobertas que sinalizam de 1% a 4% da presença do Homem de Neandertal na atual composição genética. Mais: achados em terras alemãs, tais como escultura de mamute e corpo feminino, além de flauta e calendário lunar (serviu para identificar hábitos migratórios de certas caças), atestam a significativa capacidade simbólica e de expressão e planejamento presentes nos ditos “selvagens” pré-históricos.

Há, no entanto, complicações que orbitam ao redor da questão, relacionadas a não aceitação dos fatos que, aos poucos, confirmam a Teoria da Evolução, estabelecida por Charles Darwin (1809-1882), cuja publicação do livro *A origem das espécies através da seleção natural* deu-se em 1859. Todavia, com a necessária ressalva, deve-se considerar os achados anômalos identificados pelos pesquisadores Cremo e Thompson, os quais abrem uma brecha imensa no evolucionismo, haja vista tais evidências apontarem a sua datação para períodos aparentemente inconcebíveis, tal como a estatueta de Nampa (Idaho), com 2 milhões de anos de existência, período no qual a ciência predominante refere-se localizando somente as



presenças de homínídeos incapazes de produzir qualquer tipo de arte, anteriores ao Homo Sapiens na linha evolutiva.

A oposição feita à evolução não se baseia em evidências e tampouco se pauta por qualquer linha de raciocínio. Ela se dá tão somente no campo da especulação, mormente banhada em tons emocionais alterados, permitindo, assim, apenas a emissão de ideias órfãs de embasamento e a completa surdez contra qualquer parecer lógico que tente expor argumentação. Aliás, por se tratar de uma oposição surda e também cega, sequer tais oponentes ouvem e leem a respeito do assunto. Eles se apegam ao senso comum (irresponsavelmente despreparado) ditado pela imprudente intolerância dos seus pares. E ao redor de uma “missão acima de qualquer lógica”, atiram-se impiedosos e cheios de raiva às discussões que normalmente eles próprios iniciam diante de qualquer notícia que lhes chegue, seja através de um noticiário ou de um infeliz comentário. Ressalve-se, porém, que existem pessoas mais ponderadas e de consistente formação acadêmica que se reúnem a fim de analisar a melhor maneira de combater a tempestuosa teoria darwiniana. É o caso da *Teoria do Design Inteligente*, coordenada pelo Professor Phillip Johnson (considerado o pai do movimento do Design Inteligente). Mas é possível contar nos dedos quem se compromete com a seriedade da análise, haja vista a maioria se aventurar descabidamente a lançar-se feroz contra o evolucionismo darwiniano sem ter noção daquilo para o que se arrisca criticar.

A questão, infelizmente, não se limita a oposição feita à Teoria da Evolução. Pouco se perderia com a longa e exaustiva briga que se trava desde o surgimento de tal proposição polêmica. No entanto, ao não se analisar o arsenal de evidências e rejeitar as reflexões correspondentes, o homem continua se achando mais do que é de fato, um ser especial acima de qualquer suspeita. A perda é enorme. Ele não se incomoda com o seu atrasado estágio na escala da evolução e, conseqüentemente, se acomoda, dificultando o seu

próprio desenvolvimento e o da expansão do mosaico divino. Autoilusão?

O que lhe garante o falso status da posição privilegiada e a sensação de grandeza é o autoengano, que gera incontáveis ilusões com a finalidade de aplacar o mal-estar causado pela realidade. Não se trata de uma mentira contada para si mesmo, pois que seria impossível sustentá-la á luz da própria consciência, mas de uma verdade inventada, pedaço a pedaço, pouco a pouco, convincente e conveniente, sobre a qual é possível construir outras ideias e prosseguir a penosa jornada da sobrevivência.

Logo, convencido que fica com a invenção gerada por sua fértil imaginação, e com o convidativo bem-estar que lhe acompanha, defende-a fervorosamente, qual um advogado que faz de tudo para convencer os outros da sua veracidade, sem perceber que tenta, na verdade, convencer-se por meio de repetidas exposições. Alguém que descreva um dado evento, por exemplo, e, com o tempo acrescenta novas informações ao relato, sem se dar conta do enxerto imaginativo presente nas suas palavras, passa a acreditar no resultado alterado e o apresenta de modo convincente, pois não pode titubear diante do mais astuto embrulhão, o autoengano, que leva o seu autor à crença de que é tudo quanto se acha ser, e, por outro lado, que não é o que de fato é por se desagradar profundamente a respeito. Evita-se o sofrimento de ter de perceber-se tão menos quanto se é de verdade. Porém não faz evitar a aflição causada pelo atraso que teima em patinar na estrada evolutiva. Foge-se ao mal-estar imposto pela realidade, mas não se escapa à verdade dos gritantes resultados que evidenciam os níveis do próprio desenvolvimento. Duvida? Observe-se, e olhe ao seu redor!

Não se pode esquecer, contudo, que o autoengano, o mesmo dispositivo psíquico que nos leva a embaçar a compreensão dos fatos cotidianos, impedindo-nos de enxergar com maior clareza a realidade por razão da dor resultante, é também o motor que faz a roda da

ilusão girar no sentido crescente, através das ideologias, o modo próprio de ver e crer, o qual nos leva a um rumo ou outro num dado momento da vida ou por ela inteira. O autoengano, então, permite que se criem fantasias que, de um lado, podem nunca vir a se concretizar, e se tornarem, portanto, tão somente uma quimera, e, por outro, que se idealizem futuros que se tornem a verdade momentânea de uma ou mais pessoas, a exemplo de líderes que construíram condições singulares as quais impactaram diretamente na vida dos seus povos. As ideias são fruto da imaginação que surge através do autoengano. Sem ele, pouco se teria avançado. Com ele, também se pode empacar consideravelmente na estrada evolutiva. O jogo está em fazer uso visionário do autoengano a favor do desenvolvimento pessoal e comunitário. Ele serve como fonte de defesa das aflições, mas também como de ataque para a progressão.

Assim sendo, ao negar os aspectos mais evidentes da suas próprias características animais, o homem trai a si mesmo ao mascarar autoenganadamente a realidade que deveria ser ponto de partida, ainda que doloroso, para novas e maiores distâncias na jornada da evolução. Acomoda-se satisfeito com a falsa percepção de que alcançou elevada estatura. Perde a chance de dar saltos evolutivos sem par. Tropeça na própria perna da infantilidade, consumido pelo medo e pela falta de consciência a seu próprio respeito. Uma verdadeira riqueza enterrada sob o solo da ignorância pessoal se perde sem qualquer cerimônia. Somente o incômodo causado pela realidade é capaz de provocar transformações a altura de grandes feitos. Cito uma frase, desconhecendo o seu autor, capaz de estimular a ponderação aqui pretendida: "Observa-te a ti mesmo como faria teu pior inimigo, e tornar-te-ás teu melhor amigo."

A teoria evolucionista não é matéria de disputas pueris, mas um conjunto de ideias que podem provocar reflexões naquele que pretende ultrapassar a barreira autoimposta pela falta de visão, modificando-se favoravelmente, e, finalmente, superando-se. Ela

pode influenciar a compreensão que o homem tem de si mesmo, levando-o a crescer e ampliar o projeto do mosaico divino.

### *A prioridade da fome na pirâmide das necessidades*

Outro aspecto relevante é a fome que muita gente experimenta permanentemente, fazendo do alimento a sua meta crucial, deixando, naturalmente, qualquer projeto de desenvolvimento pessoal, nas suas variadas modalidades, para trás. De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), 1/6 da população mundial vive sob as garras da subnutrição, e muitas morrem diariamente. Trata-se, portanto, de uma prioridade dentre os focos de atenção das pessoas -- observe-se a pirâmide das motivações humanas do psicólogo estadunidense, Abraham Maslow (1908-1970), em cuja base se situam as necessidades fundamentais fisiológicas.

Calcule se boa parte da fome fosse saciada ao redor do planeta e, com a possibilidade de o ser humano acessar outro patamar de necessidades pessoais, e aos poucos voltar-se para o conhecimento, que níveis evolutivos superiores poderiam ser conquistados e que influência tal fato exerceria sobre o mosaico divino.

Não obstante às dificuldades típicas de se obter alimento para suprir a fome das muitas bocas existentes, comprovou-se ser possível e bem viável seguir estratégias focadas na agricultura e lograr êxito no aumento da produção de cereais, por exemplo, qual a variedade do trigo (redução manipulada geneticamente da altura da planta a fim de evitar a quebra do seu talo em decorrência do peso do fruto, reduzindo significativamente o desperdício na colheita por parte da colheitadeira), no projeto intitulado *Revolução Verde* -- da década de 1960, coordenada por Norman Borlaug (1914-2009), cientista americano e prêmio Nobel --, com vistas a atender as populações mais carentes.

Há complicadores em tal projeto, o receio que as pessoas têm (leiam-se o público desinformado, as instituições políticas que aprovam ou não as leis correspondentes e os críticos que se apoiam mais no mito do que na realidade) a respeito do emprego da engenharia genética na produtividade alimentícia desejada.

O controle científico, através das pesquisas empreendidas, já provou que os riscos estão longe de serem prejudiciais ao organismo humano. Ademais, a falta de conhecimento é mais enraizada ainda ao se desconhecer que o homem manipula a sua alimentação há muito mais tempo do que se imagina. O milho, por exemplo, nunca foi como o conhecemos atualmente, era minúsculo, de grãos mirrados e duros, como apontam alguns especialistas do ramo. As plantas, de um modo geral, também evoluíram há muito e a natureza lhes proporcionou defesas quais o amargor e certas substâncias tóxicas. O que se elege inadvertidamente como “o que é natural é melhor” (analise-se caso a caso), pode ser (e o foi na antiguidade dos nossos ancestrais) uma perigosa armadilha. Decorreu justamente dos perigos naturais a evolução dos sentidos mais apurados presentes no olfato, no paladar, no tato e no reconhecimento visual (por força da memória e da comunicação entre os membros dos grupos de caçadores-coletores espalhados por muitas regiões). Foi uma questão de vida ou morte. Manipulação dos alimentos, portanto, através das hibridizações e dos cruzamentos selecionados entre animais foi o que nos levou à sobrevivência e ao alcance de outra condição de alimentação.

Outro obstáculo é a farta aquisição de terras, tanto compradas quando arrendadas de terras agricultáveis na África, por exemplo, por parte de países como a China, Arábia Saudita e Inglaterra, cujas produções locais encontram-se limitadas para sustentar adequadamente as demandas da sua própria população. Não obstante, muitas comunidades africanas carecem de ajuda externa em relação ao seu precário consumo de alimentos.

Fome e ignorância fazem atrasar pesadamente o processo de desenvolvimento humano no contexto de expansão do mosaico divino, ainda que o homem tenha diante de si boa parte das soluções para superar tais obstáculos.

### *A autorregulação do desenvolvimento evolutivo*

Para compreender os fatores que regulam o desenvolvimento evolutivo é necessário que antes se observe a origem dos processos regulatórios, suas transformações e também o seu aperfeiçoamento constante. Para tanto, urge analisá-lo, de maneira nua e crua, pois do contrário incorrer-se-á no erro de julgar como certo ou errado -- sobretudo do ponto de vista moral --, aquilo que é simplesmente mera decorrência de se trilhar a vida por um caminho ou outro.

Primeiramente, as expressões bem e mal, por mais antigas que possam datar, tendo sobrevivido através da tradição oral relacionada à espiritualidade dos povos primitivos e, posteriormente, mantida por razões de controle civilizatório, não existiam em período bastante remoto, considerando-se a evolução que precedeu o desenvolvimento do ser humano, este, único animal capaz de criar e discernir entre uma coisa e outra por força da inteligência que lhe caracterizou como criatura racional desde há certo tempo. Portanto, bem e mal são invenções advindas da imaginação criativa tipicamente humana. Desconhece-se qualquer outra espécie, minimamente capaz de emitir ruído, quer seja, que possa testificar qualquer compreensão sobre a existência de tais itens. Não se vê um golfinho, por inteligente que seja, prostrar-se arrependidamente abatido por ter devorado alguns moluscos e camarões. Decerto que não. Bem e mal são criações do homem.

Porquanto vale a pena recorrer à trilha percorrida pelo ser humano na sua longa caminhada rumo ao crescimento. Por um determinado período, o homem viveu de modo bastante primitivo,

cujas características peculiares lhe davam o contorno de um símio. Comportamentos e hábitos puramente animais são verificáveis por meio dos achados (ossadas) de ancestrais cravados na linha da existência primordial. Em seguida, percebeu-se novo avanço, sob a marca registrada de evolução proveniente do funcionamento da inteligência. Seguiu-se que, novos saltos se deram à medida que os nutrientes baseavam-se em proteínas, resultantes da nova dieta a base de carne. Houve não apenas a expansão craniana, mas abertura de novos horizontes mentais. Crânios maiores, que superaram a marca de 600 cc (medida adotada pela ciência) típicos de um macaco comum, conseguiram alcançar os 1350 cc, média, atuais. Ressalte-se a quantidade dos neurônios e a correspondente qualidade nas suas conexões, pois é um erro automático associar tamanho a capacidade.

É justamente em razão de cada nova aquisição, notadamente o avanço que levou o ser humano a melhorar a sua inteligência primitiva grupal à proteção mais estratégica da espécie, ou seja, a evolução da inteligência social, que se fez possível surgir, conseqüentemente, os processos psíquicos de regulação ante tais transformações e novas adaptações. O psiquismo surgiu e sempre esteve disponível às exigências da informação genética que se desenvolvia de modo cada vez mais complexo. Toda e qualquer obstrução surgida ao longo de cada caminho evolutivo foi o pivô das mudanças que impuseram aptidão para lidar com situações novas, levando à sobrevivência e aperfeiçoamento da espécie.

Em outras palavras, sem incômodo, a vida teria se extinguido facilmente. Porém, o que ocorre desde há muito, é que incômodos imperam fartamente no reinado humano. Todavia, o homem tenta, a todo custo, manter-se confortável. É claro que há certo equilíbrio prevalecendo, cuja sequência se dá da seguinte forma: desequilíbrio, equilíbrio, desequilíbrio... É isso que dá o tom da vida. Mais: é exatamente tal desajuste permanente que provoca a continuidade da vida. Não é no sossego que a evolução acontece, mas na alternância

entre os estados desconfortável e confortável. Pelo menos por hora, frente à nossa ignorância ante o papel que temos na expansão do mosaico divino; causa e efeito inconscientes podem alcançar o status consciente conforme a compreensão que se adquire a respeito.

Desta feita, se o caos (desequilíbrio) é fundamental para a sobrevivência, cumpre-se observá-lo, particularmente, nos processos de autorregulação psíquica, capazes de direcionar, em crescente aperfeiçoamento, o ser humano a uma melhor convivência, promovendo tanto mais sabedoria e consciência quanto a visão comunitária de influência mútua relacionadas à expansão do mosaico divino.

Segue-se que, com o passar do tempo, depois de desenvolvida inicialmente a inteligência humana, tais processos autorreguladores foram surgindo (não existiam anteriormente) por força dos ajustes necessários à convivência entre as partes. As pessoas aprendiam as regras de convívio e, cada vez que ultrapassavam-nas nos limites estabelecidos pela comunidade, o psiquismo disparava o sinal de desajuste, causando o conflito entre o que foi aprendido e o que foi feito contrariamente.

O desequilibrante conflito, por sua vez, encarregava-se de produzir o seu oposto, o equilíbrio, somente possível de ocorrer através de uma ação de apaziguamento psicológico, ou seja, de se experimentar na pele o que se fez a outrem, levando a pessoa a se encaminhar à experiência impingida ao outro. Assim produzia-se a cessação do conflito, do desequilíbrio. (Elimina-se, pois, a antiga idéia de um Deus a anotar os pecados e boas ações dos seus numa caderneta de posteriores penalizações e benefícios; Ele oferece a autorregulação em parceria ao livre-arbítrio.) Destaque-se que o processo ainda avança em crescimento e requer maior desenvolvimento, haja vista ter-se de conviver com a justiça artificial criada pelo homem na figura das forças controladoras existentes na polícia, na justiça e no encarceramento típico das penitenciárias.



Tal sistema psíquico autorregulador iniciou-se bruto, primitivo, e requer a sua evolução, à medida que o ser humano cresce e toma consciência sobre os desajustes e ajustes demandados em prol da adaptação social e da preservação da espécie, salvaguardando os genes aperfeiçoados e transmitindo-os às proles subsequentes. Por enquanto, é vagaroso o girar da roda autorregulatória, fazendo patinar a evolução ética no interior das pessoas, atrasando a colaboração de expansão do mosaico divino.

A lógica aqui aponta para a sobrevivência da espécie inteligente que requer todos os artifícios possíveis existentes (e os que hão de surgir ainda, dada a complexidade originada em cada avanço). E só. Sobreviver é o sentido mais profundo na base biológica. Não se discute com o Sistema Nervoso Autônomo, por exemplo, se ele estimula os músculos cardíacos mais num momento do que noutro, simplesmente ocorre assim. Da mesma maneira, não se pode fazer oposição à estratégia psíquica que tem por mira os ajustes necessários à adaptação que visa a sobrevivência.

Não obstante, tais funcionamentos em níveis biológico e psíquico são imperceptíveis até que se tenha consciência a seu respeito. O que um dia não se enxerga, noutro, contudo... Note-se que quanto mais consciência se tiver acerca da autorregulação psíquica, tanto mais controle o homem terá sobre si mesmo, sobre o que pensa e faz, pois, ao ver com clareza que produz tudo quanto lhe chega ao longo da vida, não desejará para si o que lhe faz se sentir mal, ao menos tentará reduzir os prováveis efeitos que bem sabe, se originam em cada pensamento e ato que gera. Não haverá desculpa ou justificativa a ser descarregada em outrem ou numa dada circunstância. O homem saberá, então, que é causador próprio, portanto responsável, das respostas que lhe sobrevêm. Hoje, ainda se vê bastante inconsciência, muitos se mostram chocados com os resultados daquilo mesmo que causaram, alimentados, todavia, pelo autoengano de que são vítimas tão somente.

O que se conhece, por hora, são as expressões bem e mal, certo e errado, qual o que se aprende desde bem cedo, na infância, e reforça-se na escola posteriormente. Aplique-se cada uma destas identificações criadas pelo ser humano ao funcionamento psíquico da autorregulação e se obterá o que convencionalmente ainda se chama de educação e infração. Acima do processamento frio e sistemático sobre o modo de agir da informação genética e seus tentáculos manipuladores, está, conforme a cegueira e atraso atuais, o sagrado e o profano, a benevolência e a malevolência, o céu e o inferno, o divino e o profano. Elementos fundamentais, por enquanto, para que se crie o balanço desequilibrador necessário à evolução. Entretanto, tire o manto da ignorância e restarão somente as operações que fazem funcionar o avanço relacionado à expansão do mosaico divino.

A essência dos fatos, relacionada aos eventos aqui descritos pode ser compreendida à luz das típicas compreensão e linguagem comuns ao cotidiano do homem. Embora bem e mal sejam invenções humanas, eles são descritos (aqui em particular destaque) a fim de categorizar as idéias e os comportamentos de acordo com as sociedades e o tempo -- apesar de existirem o que se denominou de "valores universais", tais como não matar e não roubar.

Assim, a autorregulação também pode ser entendida como um processamento psíquico que funciona baseada em três situações distintas: (1) natureza humana, (2) aprendizagem moral e (3) conflito entre as duas primeiras situações, levando ao desencadeamento da autorreparação ou autoajuste daquilo que se desequilibrou.

As informações genéticas possuem uma série de códigos ancestrais que estimulam, em graus que variam, os comportamentos de sobrevivência, sobretudo a busca por alimento para saciar a mortal fome, por exemplo, e o sexo, cuja serventia é dar continuidade à espécie. Tais informações são potentes por razões óbvias, e sua força pode levar muitos a se comportar de modo

bastante egoísta a fim de atender as suas necessidades mais profundas e, por vezes, incorrer em ações animais, perigosas e até fatais em nome de tal saciedade.

Por outro lado, se fosse permitido ao homem saciar as suas necessidades ao bel prazer, sem qualquer controle, sem introduzir o que se caracterizou de civilização, o desastre provavelmente seria certo, levando à autodestruição da própria espécie. Assim, impor o controle sobre a natureza fez-se premente -- apesar de ainda se ver descontrole e barbárie nas atitudes humanas.

Dessa forma, ao tentar controlar o homem, emergiu um conflito sem precedentes, de um lado, as forças da natureza, de outro, o policiamento social. Freud (1856-1939) escreveu fartamente a respeito em seu livro *O mal-estar na civilização*.

A briga entre ambos os lados fez surgir, gradativamente, o mecanismo psíquico de autorregulação. A cada conflito (considerando-se intensidade, valor relacionado ao evento, aprendizagem sobre as questões morais, grau de desenvolvimento da pessoa em jogo), o psiquismo faz disparar a autorreparação daquilo que fez desencadear o conflito. Ou seja, cada vez que se pratica algo que confronte o que se aprendeu (certo ou errado), desestabiliza-se o psiquismo através do conflito, levando a buscar a ordem ante o caos que se instalou. Tais são as palavras do pensador grego Hesíodo (770-700 a.C), "Nasce o castigo no momento mesmo em que nasce o pecado." Mesmo na antiguidade, o mais atento observador talvez já percebesse o processamento de autoajuste.

A pessoa, ainda sem se dar conta, ou seja, inconscientemente, se autoimputa, em momento oportuno, a experimentar exatamente o que impingiu a outrem, qual o romance *Crime e castigo* do escritor Dostoiévsky, cujo personagem central, Raskólnikov, é perseguido pela memória de seu crime, e vai, pouco a pouco, encaminhando-se para a confissão do que praticara através do apelo tanto consciente

quanto inconsciente. Ou ainda, na poética disputa registrada em *Hamlet*, de Shakespeare:

“(Lartes fere a Hamlet; depois, no afogo da luta, trocam as armas, e Hamlet fere a Laertes.)

O REI: Separem-nos! Excedem-se!

HAMLET: Não! Não! Em guarda!

[...]

HORÁCIO: Ambos se acham feridos. Como estais, príncipe?

OSRICO: Como estais vós, Laertes?

LAERTES: Como um galo silvestre, Osrigo, preso no seu laço; fui vítima de minha felonia (traição).

[...]

LAERTES: Aqui, Hamlet, aqui! Estás perdido; nada no mundo existe que te salve; não tens nem meia hora mais de vida. O instrumento fatal se acha em tuas mãos, sem guarda e envenenado. Minha astúcia se virou contra mim.”

Atualmente, estudos de diferentes lugares têm demonstrado a presença de dispositivos de aquisição moral no homem. A genética evolui, passo a passo, para atender a essa nova demanda de convivência social, haja vista as pessoas precisarem umas das outras à sua própria sobrevivência, ou melhor, à sobrevivência das informações genéticas que carregam consigo.

Tal dispositivo é descrito como um mecanismo biológico que facilita a aquisição das regras morais (qual o mecanismo de aquisição da linguagem desde a infância, em interação com o meio). Nas palavras de Steven Pinker, psicólogo evolucionista, “...A evolução nos dotou de um senso moral, cuja esfera de aplicação nós expandimos no decorrer da história por meio da razão. Nosso senso moral pode ter evoluído para engrenar-se com uma lógica intrínseca da ética em vez de criá-la do nada em nossa cabeça.” E ainda: “A atitude empática empenha-se interminavelmente em julgamentos morais, pois os dilemas morais envolvem vítimas potenciais.”, explica o

psicólogo Daniel Goleman. É claro que há chão à frente em relação ao desenvolvimento do próprio mecanismo, tanto que atualmente ainda temos que contar com os artifícios morais criados pelo ser humano: leis e contenção.

Inclua-se, oportunamente, a análise do padre português Antônio Vieira (1608-1697), observando o equilíbrio que se restitui internamente ao praticar o que faz bem para si a outrem: “Quando perdoamos as ofensas que nos fazem nossos inimigos, nós mesmos nos damos o perdão das ofensas que temos feito a Deus. Com razão disse a santo: Homem, entende porque isto parece que se não pode entender. Dar perdão de pecados é jurisdição ou regalia somente de Deus: Logo, como me posso eu dar a mim mesmo o perdão de meus pecados? Funda-se esta sentença naquela promessa de Cristo: *Dimittite, et dimittimini* (Lc 6, 37): Perdoai, e sereis perdoados. – E como esta promessa é condicional, e a condição depende de mim, quando eu cumpro a condição eu sou o que me perdôo.”

Então, natureza humana versus aprendizagem produz conflito ou desequilíbrio, que, por sua vez, faz desencadear o equilíbrio correspondente, na tentativa de retomar, assim que possível, a ordem necessária para se manter adaptável durante a vida. É, pois, uma rica estratégia de sobrevivência usada através do psiquismo.

## **Capítulo 5**

### **Aprender, voltar e crescer ainda mais**

Por se tratar de um projeto não apenas complexo, mas relacionado ao desenvolvimento das criaturas, o mosaico divino requer tempo, ao menos nas condições impostas por este plano material em que vivemos. Assim, tal evolução demanda repetidas voltas do aprendiz ao ambiente que lhe proporciona ganhos de aprendizagem e faz ampliar os níveis de consciência. A idéia sobre a reencarnação pode, a princípio, causar mal-estar e ojeriza àquele que não a compreende como uma oportunidade de desenvolvimento, haja vista uma única vida material já ter dado mostras de sobra de não ser suficiente para tamanho potencial de crescimento.

É possível considerar injusto ter tão somente um pequeno punhado de anos à disposição com tantas possibilidades à frente. E o Criador, na sua magnitude, além de não dar sinais de injustiça, alimenta-se justamente da evolução dos seus filhos. Seria bem pouco proveitoso se as mortes físicas encerrassem de vez a progressão de tantas partes do projeto do mosaico divino. Porquanto, embora o número de criaturas seja considerado na análise, deve-se rever um ponto crítico a seu respeito: a sua qualidade. E os resultados qualitativos requerem tempo para que possam se manifestar, não em uma vida apenas, mas em muitas. Os filhos precisam de bastante tempo para dar os passos evolutivos. A lentidão, por hora, não encontra outra maneira de transpor a inconsciência dominante. Deus proporcionou as condições minimamente ideais para que se possa avançar de acordo com a possibilidade existente em cada um. Eis a justiça divina se manifestando através do tempo.

A reencarnação, pois, acena como uma forma brilhante de permitir o reingresso do aluno à escola que lhe proporciona os estímulos fundamentais às respostas de aprendizagem e eclosão de consciência acerca de si mesmo e da relação com as outras partes e o todo. É pelas repetidas e insistentes voltas reencarnatórias (baseadas no processo psíquico autorregulatório e no desejo relacionado ao apego) que é possível experimentar novas experiências e delas extrair qualquer porcentagem de proveito. Sem elas, jogar-se-iam fora, ricas chances de retornar e continuar aprendendo e evoluindo.

Mas o que se pode observar a partir de tal reflexão, diz respeito ao meio (reencarnação) e o fim (a evolução que afeta o mosaico divino), e, sob tal condição, compreender que existem diferentes velocidades de crescimento à disposição do aprendiz, e que somente ele pode se autorizar, de forma cada vez mais consciente, a alterar o grau das passadas que dá, provocando novos efeitos no conjunto.

Porém, se ainda somos tão inconscientes e não enxergamos a expansão do mosaico divino, por qual razão nos prendemos ao mundo material e para ele voltamos várias vezes através da reencarnação? Apesar de não se enxergar o grande projeto do Criador, a ele estamos ligados, e dele depreende-se o funcionamento do processo reencarnatório como seu meio para atingir o fim pretendido. Não obstante, em razão desta mesma inconsciência que por hora nos turva a visão maior, nos sujeitamos, sem que se perceba, àquilo que nós próprios criamos e nos prende ao longo de cada vida: as ideias e crenças.

Se as coisas criadas pelo universo mental são fortes o suficiente para nos impulsionar aos comportamentos que temos ao longo de uma vida inteira, por que não seriam capazes de nos imprimir a necessidade de retornar e reencarnar para continuar a trajetória? Mais: acaso não nos apegamos às pessoas e suas criações existentes durante a vida? Não nos sentenciamos a reparar “danos” por nós

cometidos a outrem assim compreendido por hora? Quem é capaz de se desvencilhar das próprias ideias e crenças sem deixar qualquer rastro delas para trás?

O apego e a necessidade de progredir são suficientes para que nós mesmos desejemos retornar. A reencarnação, portanto, não é um castigo. Ela é, conforme afirmado anteriormente, um meio oportuno de manter a criatura (o espírito) em desenvolvimento. Pode-se voltar, com toda justiça disponível, tantas vezes quantas forem necessárias. Todos têm chance. Em algum momento, dá-se a eclosão da consciência...

Mas é prudente, contudo, analisar, ainda, os aspectos materiais relacionados às atividades neurológicas -- identificáveis facilmente por meio do Eletroencefalograma (EEG) e outros exames disponíveis --, as quais, de acordo com a neurociência, eliminam praticamente a existência de um espírito em parceria com o corpo biológico. O psicólogo evolucionista e professor de Harvard, Steven Pinker, registra tal proposta, utilizando a definição "o fantasma na máquina" ao se referir à crença popular de que existe um espírito junto ao corpo material: "...o conceito de vida como um espírito mágico unido a nosso corpo não se coaduna com nossa compreensão da mente como a atividade de um cérebro que se desenvolve gradualmente. [...] Temos todas as razões para crer que a consciência e a tomada de decisão surgem da atividade eletroquímica de redes neurais no cérebro."

É claro que as evidências apresentadas atualmente, resultado de intensas pesquisas e da tecnologia disponível, não podem ser omitidas deliberadamente, mas consideradas por sua colaboração no avanço das descobertas que ampliam o cabedal de informações do imenso e crucial caldeirão do saber. Mas há outros tipos de ingredientes a serem considerados...

Quem pode garantir, por exemplo, que os 100 bilhões de neurônios e seus 100 trilhões de conexões -- apesar de dizerem



respeito às atividades eletroquímicas e, portanto, se originarem da matéria --, mantêm-se ativos somente por força da existência puramente biológica? E se houver a parte imaterial, o espírito, apesar de invisível, com o qual o organismo material se harmonize funcionalmente? Mais: e se fosse possível separá-lo do corpo físico, não restaria, por ventura, apenas uma "máquina fantasma"? Um corpo à míngua?

Não se trata de um mero jogo de palavras, haja vista podermos considerar tal hipótese através da avaliação singular sobre o coma, "estado em que há perda parcial ou total da consciência e da vigilância, da sensibilidade e da motricidade e, excetuados casos muito graves, conservação das funções circulatórias e respiratória.". Portanto, nesse caso, entre a vida e a morte é possível existir uma lacuna indecifrada na qual se localiza, presumivelmente, a fonte de explicações acerca da existência de uma unidade espiritual que, a princípio, pode causar o estado comatoso se separada da unidade biológica, ou seja, o corpo?

Porquanto a presença do espírito, apesar de ser uma inferência, se ajusta perfeitamente ao trabalho conjunto em relação ao corpo com o qual se une. O espírito, pois, não pensa e não é proprietário de receptores sensoperceptivos; não nos moldes biológicos. Mas tem de possuir, em contrapartida, uma forma própria de abstrair conhecimento e até de se expressar, capaz, igualmente, de se relacionar vantajosamente com o corpo material (e vice-versa), dele se utilizando a fim de obter os saberes que ricamente se formam durante a vida, disponíveis na oportunidade encarnatória material.

## Capítulo 6

### **Ciência e religião unidas na expansão do mosaico divino**

Separadas, ciência e religião podem oferecer seus frutos, como já se comprovou por séculos. Juntas, porém, com a devida leitura que mescla ambas, talvez se alcance visão ampliada acerca das forças que permitem maior desempenho voltado à expansão do mosaico divino. É, pois, com a Bíblia Sagrada que se realiza a análise aqui pretendida, ressaltando-lhe a peculiar linguagem enigmática capaz de produzir nos seus leitores (incluo-me aqui) as mais diversas compreensões por meio de cada interpretação dela abstraída. O livro sagrado então é uma legítima Torre de Babel. E uma refinada obra de arte também, pelas mensagens tão ardentemente retratadas nas pinceladas que fazem compor os muitos cenários que descrevem a espetacular jornada da alma humana coparticipante do projeto do mosaico divino.

#### *O poder da arte do simbolismo religioso*

Não possui por ventura o simbolismo a missão de comunicar mensagens cuja interpretação se revela por meio da leitura? Seja uma informação simples, uma ideia cultural específica ou a força de um mito, todas elas atravessam os séculos e pretendem ainda falar, tanto quanto seja possível ao seu ouvinte, que pode extrair sussurros ou ensurdecer-se pelos gritos contidos na decifração alcançada. O que dizer das pinturas rupestres tão fartamente encontradas nas famosas cavernas europeias e das esculturas paleolíticas cuja delicadeza, sensibilidade e mensagem cabem na palma da mão?

Outrora a bíblia cristã pretendeu muito falar às gerações de seguidores que se sucediam através dos seus condensados conteúdos representados nas simbólicas páginas do *Velho Testamento*. A arte da escrita e da interpretação. As leis, as passagens narradas dos acontecimentos e mistérios religiosos. Os fenômenos materiais e espirituais e as reações consequentes dos povos que se sustentavam à base de pão e palavra retirada da tradição oral e da grafia tão avidamente protegidas.

E não foi justamente este o recurso empregado posteriormente pelo Vaticano, a fim de expressar-se estrategicamente através da arte aos seus fieis incapazes de ler ante o crescente protestantismo que exigia a fidelidade da leitura dos escritos sagrados, eliminando assim qualquer intérprete intermediário? São, pois, mensagens católicas que transbordam das pinturas (*Invocação de São Mateus*, por exemplo) encomendadas, dentre outros, a Michelangelo Merisi da Caravaggio (1571-1610) e ao escultor Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) com suas obras (notadamente o *Êxtase de Santa Teresa*) que prendem o fôlego do observador pela vida que delas emanam graciosamente, como se estivessem a dizer exatamente o que pretendem: os iletrados também têm o direito de chegar ao Senhor. A imagem fala e o fiel a ouve.

Está na arte o poder de comunicar e imprimir nas pessoas os seus dizeres, tocando-lhes o fundo da alma pela via simbólica, capaz de ocultar e oportunamente revelar a mensagem originada a partir do seu artista. O poder simbólico é capaz de fazer perpetuar o saber e ao mesmo tempo se instalar imponente no alto e misterioso monte do desconhecido com sua aparente inviolabilidade. Mas tal poder não prende sutil e eficientemente o homem e o controla mais do que qualquer grilhão perpetrado até os dias atuais? Portanto, o abstrato não se impõe ao concreto com habilidade magistral?

A escrita foi considerada uma riqueza a ser guardada a sete chaves e de acesso restrito a uns poucos escolhidos nas importantes

civilizações antigas como a Mesopotâmia e o Egito. As populações pouco ascendiam ao patamar do conhecimento e permaneciam alheias aos conteúdos originais, restando-lhes ouvir e aceitar o que os seus líderes pregavam. Quantos tiveram intimidade com a verdade dos registros ao longo do tempo? Que pessoas tiveram acesso à reservada sala da luz do saber e dela saíram diferentes posteriormente? A alquimia mais cobiçada. O ouro do sábio. E mesmo com a popularização da leitura através da alfabetização e do crescente acesso aos livros, quem de fato possui a chave que decodifica o universo de símbolos existente? Ainda há muitos segredos...

### *A pesquisa bíblica da gênese humana*

Para incrementar a compreensão sobre o projeto do mosaico divino, vale a pena observar o Primeiro Livro, a *Gênese*, especificamente o versículo que introduz o homem à vida, 1:26, ao 4:17, no qual Deus fixa as consequências advindas de as suas criaturas terem desobedecido a ordem de não comer o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal. Eles totalizam 72 versículos, nos quais reside a velha incompreensão e levanta questionamento a respeito de Adão e Eva e seus filhos, particularmente Caim, que se casou com uma mulher da terra de Node, ao oriente do Éden, após ter matado seu irmão, Abel. Mas como isso é possível? De onde surgiram novos habitantes além do local inicial da criação divina? Esqueceu-se a Bíblia de citá-los previamente? A suposta dedução fica a encargo do crente? Seria mais uma enorme brecha para se interpretar à revelia o tão famoso livro de Deus? Ou a explicação já se encontra lá mesmo, silenciosa, oculta, sem que a percebamos? Talvez nos falte alguma peça do santo quebra-cabeça para que lancemos novo olhar e obtenhamos inusitado entendimento? O todo ficou prejudicado pela ausência de uma das suas partes?

Quem são afinal tais personagens? Ou melhor, o que eles representam para que a leitura da Bíblia tenha um sentido tanto de continuidade quanto de veracidade apoiadas pela fé e também pela ciência, reduzindo-lhe oportunamente tamanha objeção? O que a arte da escrita bíblica oculta dos seus milhares de leitores?

Se hipoteticamente Adão e Eva existiram na forma humana de fato, os seus herdeiros, incluindo Sete e outros filhos e filhas, tiveram de conviver com diferentes pessoas, descendentes de outros seres humanos que aqui também habitavam. O mundo já era povoado em outras regiões à época, e o Édem, portanto, jamais poderia reclamar exclusividade acerca da ocupação humana. A ciência já não constatou o surgimento de diferentes antepassados em distintos lugares ao redor do globo? Então, qual é a nova peça que pode se encaixar e proporcionar uma nova leitura da gênese?

### *A linguagem original e sua interpretação*

Através da etimologia -- que é o estudo da origem das palavras --, é possível conhecer mais profundamente o significado primeiro dos termos utilizados na comunicação entre os seres humanos, considerando-se as muitas distorções pelas quais eles podem passar, levando-os a perder o seu sentido mais enraizado. Foi por meio da linguagem, destaque-se, que pudemos nos relacionar e ampliar os horizontes e sobreviver às imensas dificuldades que obstruíram insistentemente o sinuoso caminho. Muito do que somos se deve à palavra e ao seu poder transformador. É por meio dela também que se pode fazer inteligível a experiência passada, a fim de se extrair as melhores informações e lograr contínuas reflexões, facilitando a continuidade vital, ou, no mínimo, reduzir os tropeços que nos aguardam invariavelmente no porvir. A linguagem, em suma, pode ser uma doce aliada se houver transparência a seu respeito, e pode,

em sentido inverso, obscurecer amargamente as fontes de conhecimento tão caras à nossa marcha evolutiva.

Em oportuna pesquisa, foi possível descobrir que o nome Adão, originalmente, em hebraico (adom=vermelho e dam=sangue), além de "terra vermelha" ou "barro vermelho", outros significados equivalentes, quer dizer "sangue vermelho", e Eva, também em hebraico (hav.váh), significa "vivente". Somem-se as duas palavras da união bíblica, Adão + Eva, e se obterá como resultado "sangue vermelho vivente".

Que sublime equação! Que extraordinário simbolismo literário! O qual pode caracterizar "vida" e início através da antropogênese, e, também, continuidade da espécie, através da "herança pelo sangue vermelho vivente" (note-se ainda o poder de criação física presente nas criaturas do Criador) que sabidamente contém as informações genéticas, o código vital, justificando consequentemente o surgimento das primeiras pessoas no mundo -- Caim, que em hebraico quer dizer "lança", que mata (luta e sobrevivência) de forma selvagem e primitiva a seu irmão Abel, cujo nome equivale a "perecível" (extinção), ou ainda, Sete, o "substituto" que veio posteriormente e permaneceu (adaptação e sobrevivência), e seu filho Enos, do hebraico, "homem" (considere-se o tempo simbólico transcorrido até o hominídeo, ou Enos), dentre outros tantos que povoavam o planeta. Eis o início da saga humana.

Os nomes hebraicos aqui mencionados possuem dupla finalidade, então, ao expressarem concreta e simbolicamente a antropogênese a partir da soma de a+b, considerando-se ser: a) sangue vermelho vivente e b) Adão e Eva.

Talvez a Bíblia tenha ocultado a antropogênese evolucionista em seus peculiares e milenares hieróglifos de difícilíssima compreensão. E a Pedra de Roseta bíblica de tal interpretação, todavia, é hebraica, e não grega. Adão e Eva são vistos literalmente como pessoas por certas óticas religiosas, porém eles podem simbolizar as condições

anteriormente necessárias para o surgimento do homem primitivo, sem, contudo, desconsiderar o autor por trás da arquitetura vital desde os primórdios, Deus, haja vista ter-se de levar em conta o saber primeiro, aquele que contém os mapas originais da matéria, desde o universo subatômico e suas inteligentes interações de partículas em busca da estabilidade dos diferentes elementos já classificados do imenso cosmos em sua permanente expansão gerada pela explosão que deu início à existência material, qual uma extraordinária melodia que aos poucos se revela após romper com os limites do campo criativo, e, notadamente, tempos depois, o surgimento das funções específicas de replicação de uma célula primitiva que sequer pôde contar com o seu primeiro maestro, o DNA, ainda que o acaso (filho da frequente instabilidade tão comum à vida) tenha lhe rendido sucessivas modificações e novas e cruciais adaptações até culminar neste modelo de homem antigo.

Tal proposição pode se tornar, ainda, a ponte que permite aproximar velhos inimigos, criacionistas e evolucionistas, separados pelo provocativo abismo do desentendimento; a alegoria sagrada (os sete dias descritos na gênese e cada uma das sucessivas criações) e a concreta biologia (as duplicações celulares e as permanentes evoluções profundamente transformadoras registradas e transmitidas através dos genes há milhares de anos). Aproximação esta, já pretendida pelo padre jesuíta, paleontólogo e filósofo francês, Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), cuja disposição foi a de tentar desfazer o mal entendido entre ciência e religião: "Nossa geração e as duas precedentes quase só ouviram falar de conflito entre Fé e Ciência. A tal ponto que pôde parecer, a certa altura, que esta era decididamente chamada a tomar o lugar daquela. Ora, à medida que a tensão se prolonga, é visivelmente sob uma forma muito diferente de equilíbrio – não eliminação, nem dualidade, mas síntese – que parece haver de se resolver o conflito."

### *Antiguidade e modernidade do evolucionismo*

O evolucionismo não é um tema recente. Na antiguidade já se cogitava a idéia de evolução das coisas e dos animais (inclui-se o homem), ainda que de modo rústico, tal como apontou Anaximandro (610-547 a.C.), filósofo pré-socrático e discípulo de Tales de Mileto. Ou mais adiante, com Tito Lucrécio Caro (99-55 a.C.), filósofo romano: "As formas de vida neste mundo e nos outros estão em constante movimento, incrementando a potência de umas formas e decrescendo a de outras. O homem deve pensar que desde seus mais selvagens inícios tem vivido uma grande melhora em habilidades e conhecimentos, mas isto passará e virá uma decadência." É de se esperar que o assunto já circulasse desde tempos bem remotos, embora a evolução não fosse bem vista no passado por um sem número de pessoas, como ocorre nos dias atuais, em razão do mal-estar que se instala quando nos vemos obrigados a repensar a própria origem rudimentar desprovida de qualquer atmosfera civilizadora.

Por outro lado, não foi conveniente ter-se "apagado" do mapa das recordações inconvenientes os nossos selvagens ancestrais? Todavia o seu rastro evidenciado através das ossadas e instrumentos peculiares nos diz inequivocamente quão atrasados somos mesmo depois de muitos anos vagando sobre o planeta? As minuciosas análises atestam tais datas. Diversos ramos da ciência como a antropologia, a arqueologia e a biologia têm se dedicado imensamente nas pesquisas de campo e de laboratório, cujo respaldo da rigorosa metodologia lhes confere respostas com boa margem de segurança para compor gradativamente o mosaico da nossa existência. A ocultação literária bíblica e o autoengano por acaso não se aliaram a fim de evitar o mal-estar que inevitavelmente se instala cada vez que nos percebemos menos (bem menos!) do que acreditamos ser? Surgir como homem histórico recente e afeito à



civilização não cria a ilusória porém agradável percepção de que se é melhor do que o que nos sugere o primitivismo animal típico da longínqua pré-história evolutiva?

Decerto que Darwin, ao propor uma revisão ampla e revolucionária acerca do passado e seus efeitos no presente através do seu polêmico livro *A origem das espécies*, não imaginava que a sua frase: “Não me parece haver qualquer incompatibilidade entre a aceitação da teoria evolucionista e a crença em Deus”, pudesse aproximar a pena científica do papel religioso a fim de assinar um afável tratado de parceria. Inclua-se, ainda, Alfred Russel Wallace (1823-1913), autor do artigo *Sobre a tendência das variedades a afastarem-se indefinidamente do tipo original*, publicado em 1858, no *Journal of Proceedings – Zoology*, da Sociedade Lineana de Londres, no qual descrevia e argumentava de modo resumido aquilo que Darwin expôs na sua robusta obra, precipitando a sua publicação por receio de ficar atrás de Wallace e suas ideias igualmente originais e perder o lugar mais alto no pódio do meio científico e da sociedade leiga.

### *O porvir projetado desde o longínquo ontem*

Estaria então o evolucionismo presente no sábio livro da Gênese (poder-se-ia chamar de Teologia Evolucionista), ocultado pela ausência de outras informações que o tornam mais acessível e menos distante dos achados tão trabalhosamente oferecidos pelos estudos de Darwin e Wallace e das recentes descobertas através da moderna tecnologia disponível? O autor do livro da Gênese criacionista talvez conhecesse o evolucionismo à sua maneira, considerando Adão e Eva como a Antropogênese que revolucionou a vida animal no planeta? O Terceiro Milênio trouxe consigo novas decifrações para resolver antigos mistérios registrados pela linguagem escrita, esta arte milenarmente produzida? É chegado o momento de se abrir para os

muitos tipos de conhecimento existentes -- tal como sustentou o jesuíta Teilhard de Chardin, mesmo tendo sido duramente criticado por cientistas e religiosos -- e reavaliá-los com o merecido respeito, em prol da continuidade do desenvolvimento a que temos tanto direito? Conhecer o passado em seus detalhes pode nos levar a um futuro melhor, com mais sabedoria presente em nós? Ainda que a divergência seja importante para a abertura de novas picadas na densa mata do desconhecimento, será que somente ela dará conta de desvendar os enigmas que a vida tem proporcionado há milhares de anos? Será oportuno unir, além de separar? É preciso mesmo ocultar Deus para que se instale a efêmera sensação de poder graciosamente emanada pelos passos científicos? Afinal, tudo não provém exatamente da essência divina?

Entretanto, se Deus é visto como objeto de disputa nas discussões entre os humanos com base na sobrenatural capacidade da criação material, em contraste às leis físicas por ele criadas, Ele se contradiz? Tal contradição não é típica dos humanos? Afinal, Deus é o grande arquiteto ou ele é confundido com sua obra, apesar da imagem e semelhança presentes em nós através da sua essência potencial? Não lhe é permitida a grandiosidade de gerar desdobramentos aleatórios evolucionistas, a princípio, para que se alcance certa ordem posterior? Não é ininteligível cada pintura em seu confuso princípio de esparsos traços até que o quadro ganhe forma e clareza correspondente? Não há flexibilidade suficiente para que as variadas criaturas avancem indefinidamente? Não é a evolução uma dádiva em si mesma? E o que dizer do futuro, que belezas ainda maiores nos aguardam em relação à expansão do mosaico divino? Não é um exemplo máximo de justiça e altruísmo de Deus oferecer às suas criaturas o livre-arbítrio para se avançar evolutivamente e ampliar o mosaico divino conforme cada um se descobre e investe em si mesmo? Porém, ao desconsiderar tais questões, resta dizer que Deus foi criado à imagem e semelhança do

homem, dificultando qualquer análise mais aprofundada, embora ninguém seja capaz de defini-lo, apenas fazer conjeturas a seu respeito, dada a sua indescritível complexidade, que vai além da esfera material.

Por que a *Bíblia Sagrada* não pode ser considerada um livro histórico e igualmente pré-histórico que abre as portas do passado ao revelar o que de fato somos e, sabiamente, as do futuro também, ao dar acesso projetivo ao que poderemos ser se escolhermos a luta interior pessoal ao invés de permanecer sob as garras da cegueira e da acomodação tão comuns no presente?

## Capítulo 7

### Os objetivos da troca evolutiva e da expansão do mosaico divino

Por que imaginar um Deus pronto quando o céu é o limite? Por que tal Deus tem que ser limitado? Acaso Ele nos criou à sua imagem e semelhança ou será que o homem o criou imaginariamente à sua própria semelhança, reduzindo-o às suas empobrecidas limitações? Mais: Nele pode residir fantasiosamente as nossas mais íntimas projeções sem que percebamos tal distorção? Um Deus ao gosto pessoal? Ele é o Deus cuja referência se encontra no Evangelho Apócrifo de Judas?

Não se pretende aqui, contudo, definir o Pai com exatidão. Claro que não! Nunca seríamos capazes de realizar tamanha tarefa por uma razão autoevidente: se Ele cresce através das evoluções que emanam das suas próprias partes, impossível seria alcançá-lo e conhecê-lo à mesma altura. As partes não enxergam o todo; mas este último tem alcance sobre elas. Sempre haverá os graus de diferença, os quais, afortunadamente, não impedem que ocorra a aproximação relacionada ao que é possível de se obter Dele conforme se avança no desenvolvimento evolutivo.

Não é admirável, pois, compreender um Criador que se vale das suas criaturas para que Ele próprio evolua, oferecendo imediatamente os frutos do seu próprio trabalho evolutivo aos seus? Não se encontra aí uma relação de união e mútuo aproveitamento? Não reside em tal relacionamento a condição compartilhada simultaneamente “Nós e Deus somos um”? Mais: Não revela, porventura, este tipo de união o tão ambicionado amor incondicional?

Porquanto é fundamental priorizar o valor que reside na interconexão entre as partes, estas ampliadas às criaturas em geral, sob o risco de reduzirmos o acesso aos benefícios que se obtêm quando há qualidade nas trocas e respeito coletivos. A observação sagaz vem de Theilhard de Chardin: "Ao contrário dos "primitivos" que dão figura a tudo o que mexe, -- ou mesmo dos primeiros Gregos, que divinizam todos os aspectos e todas as forças da Natureza, o Homem moderno tem a obsessão de despersonalizar (ou de impersonalizar) o que mais admira. [...] dir-se-ia que perdemos, com a estima pela Pessoa, o próprio sentido de sua verdadeira natureza. Estar centrado sobre si mesmo, poder dizer: "eu", é, como acabamos por admitir, o privilégio (ou antes a tara) do elemento, na medida em que este, fechando-se para tudo o mais, chega a se constituir nos antípodas do Todo. Seguindo a direção inversa, tendendo para o Coletivo e o Universal, isto é, no sentido do que é mais real e mais durável no Mundo, o "ego", pensamos nós, decresce e se anula." Eis alguns dos pontos críticos pertinentes à própria posição do homem contemporâneo frente ao que acredita acerca da parte e do todo, Teilhard de Chardin.

O risco está, notadamente, em o ser humano não se perceber integrado ao mosaico divino por força do isolacionismo social originado a partir das compreensões distorcidas sobre os avanços científicos e seu entorpecente poder. Primeiramente, precisamos tanto da ciência quanto da religião interior. Uma não substitui a outra. O cuidado que se deve ter diz respeito à presença ou ausência da visão mais ampla e necessária à unidade entre o Criador e a criatura e sua ampla potencialidade desenvolvimentista. É pertinente, ainda, à incomensurável capacidade de mudança existente no bojo da evolução. Transformação e avanço.

Todavia, quem crê que Deus se reduz ao imaginá-lo passível de mudança, em constante expansão? Quem vê nisso humilhação? Não serão conceitos tipicamente nossos tais impressões humanas,

sobretudo na atrasada fase em que nos encontramos ainda atualmente? Não seria justamente o contrário, se Deus se expande Ele se mostra tanto infinito (pois se é pronto, pela lógica Ele é finito) quanto humilde em receber e doar, e, notadamente, sábio a ponto de ser flexível e dinâmico às possibilidades de transformação e crescimento permanentes? Assim, faz sentido considerar a hipótese de nós e o pai sermos um mosaico divino em permanente expansão? Não seria tal desenvolvimento, uma manifestação de amor, baseada na sabedoria adquirida através da consciência conquistada, ao deixar para trás a ignorância que teima em manter seu refém sob o domínio do atraso e da dificuldade, com tanto a ganhar de maneira justa e particularmente iluminada?

## Referências

- A AURORA da humanidade. Rio de Janeiro: Abril Livros, 1993.
- AL-KHALILI, J.S. *A vida secreta do caos*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- AL-KHALILI, J.S. *O átomo: duelo de titãs*. BBC, 2007, Londres. CD-ROM.
- AL-KHALILI, J.S. *O átomo: a chave do cosmos*. BBC, 2007, Londres. CD-ROM.
- AL-KHALILI, J.S. *O átomo: a ilusão da realidade*. BBC, 2007, Londres. CD-ROM.
- AL-KHALILI, J.S. *Química, uma história volátil: a descoberta dos elementos*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- AL-KHALILI, J.S. *Química, uma história volátil: a ordem dos elementos*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- AL-KHALILI, J.S. *Química, uma história volátil: o poder dos elementos*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- AL-KHALILI, J.S. *Tudo*. BBC, 2010, Londres. CD-ROM.
- AL-KHALILI, J.S. *Nada*. BBC, 2010, Londres. CD-ROM.
- ANSELMO. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- AQUINO, Tomás. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- ATTENBOROUGH, David. *Charles Darwin e a árvore da vida*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- BHAGAVAD-GITA. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- BEE, Helen. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. Por João Ferreira de Almeida. Flórida: Vida, 1995.
- BLACKBURN, Robin. *A construção do escravismo no novo mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BLAVATSKY. Helena Petrovna. *Ísis sem véu (vol.I)*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1992.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CÍCERO. *Dos Deveres*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- CONFÚCIO. *Os analectos / Confúcio*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- CREMO, Michael A. e THOMPSON, Richard L. *A história secreta da raça humana*. São Paulo: Aleph, 2008.

- CURTIS, Adam. *O século do self: máquinas de felicidade*. BBC, 2002, Londres. CD-ROM.
- CURTIS, Adam. *O século do self: a engenharia do consentimento*. BBC, 2002, Londres. CD-ROM.
- CURTIS, Adam. *O século do self: há um policial em nossas cabeças, e devemos destruí-lo*. BBC, 2002, Londres. CD-ROM.
- CURTIS, Adam. *O século do self: oito pessoas bebericando vinho em Kettering*. BBC, 2002, Londres. CD-ROM.
- DALE, Richard. *Caminhando com o homem das cavernas*. BBC, 2003, Londres. CD-ROM.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies por meio da seleção natural*. São Paulo: Escala, 2009.
- DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DOHERTY, Jimmy. *O jardim de Darwin: ideias perigosas*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- DOHERTY, Jimmy. *O jardim de Darwin: turbulências*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- DOHERTY, Jimmy. *O jardim de Darwin: sobre macacos e homens*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- DOSTOIÉVSKI. *Crime e castigo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- DURANDO, Furio, Fabio. *Grandes civilizações do passado: A Grécia antiga*. Fólio, 2007.
- EPICTETO. *A arte de viver: uma nova interpretação de Sharon Lebell / Epicteto*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- ESOPO. *Fábulas do Esopo*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- FADIMAN, James. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 1986.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2007.
- FENTON, Emma e GRAVIL, Mark. *A vida do Neandertal*. Discovery Channel, 2000. CD-ROM.
- FONSECA, Eduardo Giannetti. *Auto-engano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GONTIJO, Silvana. *O livro de ouro da comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.



- GREENFIELD, Susan. *A história do cérebro: tudo na sua mente*. BBC, 2000, Londres. CD-ROM.
- GREENFIELD, Susan. *A história do cérebro: no calor do momento*. BBC, 2000, Londres. CD-ROM.
- GREENFIELD, Susan. *A história do cérebro: o olho da mente*. BBC, 2000, Londres. CD-ROM.
- GREENFIELD, Susan. *A história do cérebro: o primeiro entre os iguais*. BBC, 2000, Londres. CD-ROM.
- GREENFIELD, Susan. *A história do cérebro: desenvolvendo a mente*. BBC, 2000, Londres. CD-ROM.
- GREENFIELD, Susan. *A história do cérebro: mistério final*. BBC, 2000, Londres. CD-ROM.
- GUEZ, Serge e BERNARD, Laure. *As origens da linguagem*. Crescendo Films, 2008, França. CD-ROM
- GUYTON, Arthur C. e HALL, John E. *Fisiologia humana e mecanismos das doenças*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- HISTÓRIA DA FILOSOFIA. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- HOBBS, Tomas. *O Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Sumaré: Martin Claret, 2002.
- JOHNSTONE, Gary. *O sexo na antiguidade: na Idade da Pedra*. Optoma e Seven Network Australia, 2002, EUA. CD-ROM.
- JOHNSTONE, Gary. *O sexo na antiguidade: no Egito*. Optoma e Seven Network Australia, 2002, EUA. CD-ROM.
- JOHNSTONE, Gary. *O sexo na antiguidade: na Grécia e Roma*. Optoma e Seven Network Australia, 2002, EUA. CD-ROM.
- JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- KILEY, Dan. *Síndrome de Peter Pan*. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- KOHN, Alfie. *Punidos pelas recompensas*. São Paulo: Atlas, 1998.
- LIBERATI, Anna Maria. e BOURBON, Fabio. *Grandes civilizações do passado: A Roma antiga*. Fólio, 2007.
- MONTAIGNE, Michel. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- MORGAN, Clifford Thomas. *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.
- MONTAIGNE, Michel. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- MILLER, Jonathan. *As fitas do ateísmo: Colin McGimm*. BBC, 2004, Londres. CD-ROM.

- MILLER, Jonathan. *As fitas do ateísmo: Steven Weinberg*. BBC, 2004, Londres. CD-ROM.
- MILLER, Jonathan. *As fitas do ateísmo: Arthur Miller*. BBC, 2004, Londres. CD-ROM.
- MILLER, Jonathan. *As fitas do ateísmo: Richard Dawkins*. BBC, 2004, Londres. CD-ROM.
- MILLER, Jonathan. *As fitas do ateísmo: Denys Turner*. BBC, 2004, Londres. CD-ROM.
- MILLER, Jonathan. *As fitas do ateísmo: Daniel Dennett*. BBC, 2004, Londres. CD-ROM.
- NASCIMENTO, Milton Meira. *Primeira filosofia. Lições introdutórias*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- VERTON, Paul. *Homens de pedra: tempo profundo* BBC, 2011, Londres. CD-ROM.
- VERTON, Paul. *Homens de pedra: movendo montanhas* BBC, 2011, Londres. CD-ROM.
- VERTON, Paul. *Homens de pedra: o grande congelamento* BBC, 2011, Londres. CD-ROM.
- PIAGET, J. *O julgamento moral da criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- PINKER, Steven. *Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PRADO. Lourenço. *Equilíbrio e recompensa*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2007.
- ROBERTS, Alice. *A incrível jornada humana: fora da África*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- ROBERTS, Alice. *A incrível jornada humana: Ásia*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- ROBERTS, Alice. *A incrível jornada humana: Europa*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- ROBERTS, Alice. *A incrível jornada humana: Austrália*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- ROBERTS, Alice. *A incrível jornada humana: as Américas*. BBC, 2009, Londres. CD-ROM.
- SCHAMA, Simon. *O poder da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. São Paulo: Abril, 1976.
- SÓCRATES. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- TEILHARD DE CHARDIN. Pierre. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 2006.

- VV.AA. História da Filosofia. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- VV.AA. *Psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- VIEIRA, António. *Obras Seletas. V.6 - Maria Rosa Mística*. São Paulo: Edameris, v.2, 1965.
- WALKER, Amy e CARLYON, Leo. *A história do alimento*. Stellarvision and the Education Foundation of the American Society of Plant Biologists. s/d, França. CD-ROM.
- WENDT, Herbert. *À procura de Adão: romance de uma ciência*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- WRIGHT, Robert. *O animal moral: por que somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

**O autor**

Psicólogo, professor e mestre em liderança. Ministrou cursos e palestras no Brasil e no exterior. Pesquisador dos campos da psicologia organizacional, educacional e sócio-econômico, com experiência em orientação de pesquisa. Autor e coautor dos livros Gigantes da Liderança, Gigantes da Motivação e Educação 2006.